

REAL E VIRTUAL

Conversas no Facebook

maio 2013

1 de maio

José Martinho

Hoje, 1º de Maio, dia do Trabalhador, queria começar por prestar homenagem ao trabalhador ideal que é o inconsciente.

Rosália Maia

Bom dia! Magnífica homenagem! Eu apoio!

Mara Faget

Pensei no trabalhador «real», constituindo a estrutura do inconsciente. Bela homenagem a isso que em nós trabalha.

Carolina Foglietti

Esse é, de fato, um trabalhador incansável! Mas será que cobra hora extra?! Rsrs

José Martinho

O trabalho está do lado do inconsciente e a hora extra (com a mais-valia) do lado da pulsão.

Selma Calasans Rodrigues

Gostei dessa do Miguel: «trabalha a dor». Digo: trabalha-dor. O computador quer me

corrigir!

Filipe Pereirinha

Achei interessante pensar a oposição entre trabalhadores «ideais» (como o inconsciente) e trabalhadores «reais» (como o consciente, para Mara Faget). O discurso do capitalista parece querer gerar ao mesmo tempo trabalhadores ideais e consumidores ideais, mas o que ele tende a gerar em maior quantidade - sobretudo em certos países - são endividados e desempregados reais.

Miguel Mota

Com base na distinção operada por Leonardo da Vinci entre pintura (*via de porre*) e escultura (*via de levare*), Freud distingue psicanálise (*via de levare*) de psicoterapia (*via de porre*). O masoquista é o que segue a via de levare porrada.

José Martinho

Persistir é o que faz a estrada existir

Carlos Eduardo Leal

Há um mês que temos vindo a trabalhar sobre a abordagem imaginária e simbólica do real e do virtual. Comecei a abordagem simbólica com uma frase do Carlos Eduardo Leal. É justo que termine com outra do mesmo artista-analista: *Persistir é o que faz a estrada existir*.

O caminho faz-se caminhando. A partir de agora proponho que caminhemos na direção do sintoma como o que há de mais real em cada um de nós.

Dito de outro modo: o que são real e virtual na perspetiva do sintoma? Ok?

Miguel Mota

Uma definição poética do sintoma: «Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso.

Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta o nosso edifício inteiro», Clarice Lispector

O sintoma é defeito ou feito?

Maria Teresa Saraiva Melloni

Lamento amigo, mas já havia tomado outro rumo. Psicanalistas são assim, avançam disjuntos. Eu acabei de comentar com a questão: podemos incluir o virtual, na medida que o real do corpo fica excluído, no campo das sublimações?

José Martinho

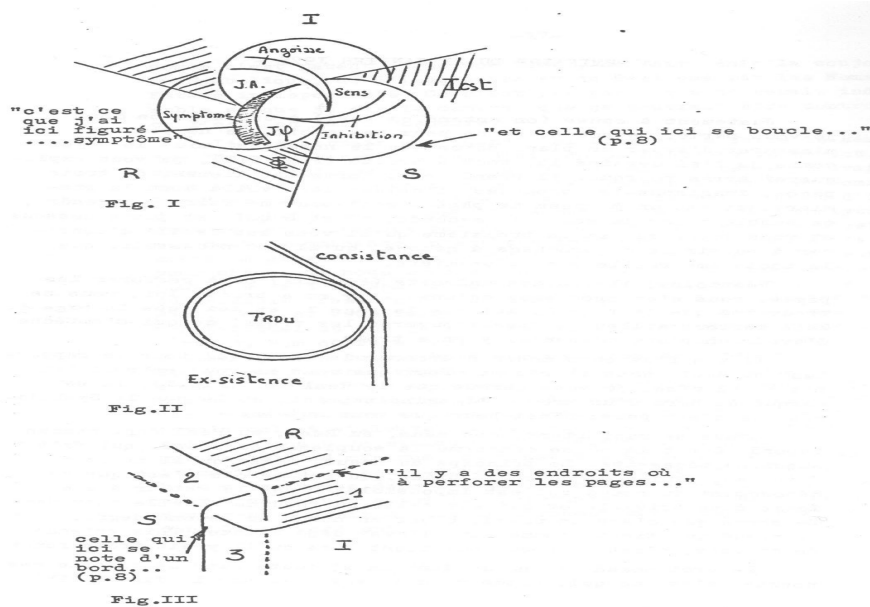
Freud dizia que a sublimação satisfazia a pulsão sem recalçamento (patológico ou secundário). Assim sendo, pode-se pensar, como a Carolina sugeriu no outro dia, que o real do corpo não é excluído nas relações virtuais, já que cada um goza – e o gozo é sempre do corpo – quando escolhe como parceiro privilegiado um i-objeto.

Maria Teresa Saraiva Melloni

Pode-se considerar o real do corpo como gozo do corpo? Penso que o gozo do corpo é imaginário sobre real, como está no nó. O que chamo de real do corpo é o que configura o que Lacan chama de gesto, o ato, nos seminários 15,19,22. Esclarecendo: Estou pensando que o gozo do corpo está como gozo do Outro, já que Lacan diz que só se goza com o Outro imaginário. O real do corpo é o que resta como Coisa, ao final de uma análise, eu penso.

José Martinho

No nó do Seminário RSI a que se refere, penso, trata-se do Outro Gozo, ou do Gozo como Outro (JA), diferente não só do Gozo Fálico (JΦ), como do Sentido (*Sens*) que perturba a consistência imaginária do corpo. Confira-se o primeiro desenho que retirei de uma das estenografias da lição de 11 de Janeiro de 1975 do Seminário XXII (http://gaogoa.free.fr/Seminaires_HTML/22-RSI/RSI21011975.htm):



21/1/72

Lacan só fala [no sentido que se interessa essencialmente] do ato analítico, e nunca diz que é a Coisa que resta no final da análise.

Tudo isto mereceria muitos desenvolvimentos, mas desde já agradeço à Teresa por, apesar já de ter tomado outro rumo, colocar o problema do real (e do virtual) a partir do sintoma.

Carolina Foglietti

Uma vez que cada um dos três registros (RSI) inclui os outros dois, não poderíamos pensar que há o imaginário do corpo real e o real do corpo real - esse último a ser tomado como *sinthoma* (verdade derradeira do sujeito que resta no final das contas de uma análise?).

Maria Teresa Saraiva Melloni

O José Martinho tem razão: no nó, o que está apontado é o gozo do Outro, mas, no Seminário 19, Lacan diz que só se goza com o Outro, mentalmente, na posição de ser gozado. Então eu sustento que o gozo do corpo é sempre do Outro.

Entretanto discordo quanto à afirmação que, no Seminário 15, Lacan só fala do ato analítico. Para cernir o que seja do ato psicanalítico - aquele que, ao final da análise, faz surgir um analista -, ele fala da ação, do ato falho, do *acting*, das forma de intervenção

do analista. Ele também distingue o ato analítico e o ato do psicanalista. Eu, no entanto, tomei o gesto, no sentido do ato criador, isso que resta ao final de uma análise e que, sem pensar, o artista deixa cair, enquanto pequeno a, um olhar que se deita à contemplação de uma obra de arte.

Finalmente, quanto à Coisa, não sei se estou bem segura, mas Lacan diz que o Gozo está para o lado da Coisa, enquanto o desejo para o lado do Outro da linguagem. Lacan diz que a Coisa da qual se trata não é a verdade freudiana, é a que diz: eu a verdade falo. Mas refletindo, acho melhor agora se tivesse dito: aquilo que sempre resta por se dizer. Muito bom esse debate!

José Martinho

O essencial do meu comentário sobre o ato visava a sua frase: «o que chamo de real do corpo é o que configura o que Lacan chama de gesto, o ato». Diga-me, pf, em que página Lacan afirma que o real do corpo é o «gesto», ou o «ato».

Sobre o Gozo do Outro. Mesmo se, para gozar, o sujeito se pode fazer objeto para um Outro (como na voz reflexiva intermédia da pulsão), o gozo é sempre vivido no corpo próprio. Só que o gozo que o corpo realmente experimenta pode incluir quem se encarna no lugar do Outro, e supõe basicamente a linguagem, porque é a partir daí que a homeostasia do vivente é recorrentemente perturbada, levando à formação do sintoma.

Maria Teresa Saraiva Melloni

Ao dizer que Lacan chama de gesto, o ato, não estava citando Lacan, estava eu mesma, a fazer minhas articulações, a partir da leitura do Seminário 15, quando ele fala da ação, do Seminário 19, quando ele fala do gestual como traço, e do Seminário 22, aula de 21/01, quando ele fala do pathema, paixão do corpo.

Do Seminário 22, cito: «A dialética só é passível de ser suposta pelo uso daquilo que é voltado para um comum ´pathematicamente` ordenado, ou seja, por um discurso, aquele que associa não o fonema [...] mas o sujeito determinado pelo ser, ou seja, o desejo. Digo a função do sintoma...» (Lacan).

José Martinho

A passagem do Seminário XXII que cita é: «l'effet du langage, c'est le pathème, c'est la passion du corps.». É exatamente esse efeito (patemático) da linguagem (A) – diferente do efeito poético, mítico e matemático - sobre o organismo vivo, sexuado e mortal que eu indicava como sendo o gozo do corpo.

Maria Teresa Saraiva Melloni

Perfeito! O que você pensa sobre o que resta ao final de uma análise, para que se faça o que dele bem quiser, até mesmo gozar? Não justamente esse organismo vivo, mortal, mas sexuado, como causa-dor de efeitos patemáticos = de paixão, efeitos de discurso?

João VGuedes

É de facto em análise que o sintoma surge como aquilo que, desse real estruturalmente perdido pelo ser falante, é tangível através da fala. Correndo o risco de ser demasiado simplista, diria que, no fim da análise, o sujeito está mais próximo do real que é possível circunscrever, tendo desmontado a realidade virtual construída em torno e em função do seu próprio sintoma, logo é um sujeito menos alienado, talvez até mais consciente como diria Freud.

José Martinho

A identificação do sintoma no final de cada análise faz com que o que resta desta seja uma diferença absoluta. Cada fim de análise é por conseguinte diferente. Se houver entusiasmo nessa conclusão, isso indica igualmente que o desejo de psicanalista deve estar lá.

O «passe» serve para narrar um tal acontecimento (de corpo). O analista praticante pode e deve testemunhar do que (lhe) aconteceu, transmitindo deste modo o que será útil para a prática e a Escola.

Só não entendo muito bem como alguém que tenha acabado a sua análise possa ficar

fechado num gozo autoerótico, elucubrativo, confessional ou, ainda, preso numa lamentação e sua erotização.

Maria Teresa Saraiva Melloni

Também acho! O final de uma análise põe um analista em posição de tomar a psicanálise como causa.

Carolina Foglietti

Acho fundamental ter em mente que ao final de seu ensino Lacan nos legou uma teoria do imaginário não redutível ao especular tendo, no nó borromeano, a mesma importância que o simbólico e o real. Esse imaginário, tem seu próprio simbólico, sua consistência, e seu real, isto é, seu próprio furo. Acho que essa perspectiva exclui a possibilidade de um gozo autoerótico no final (e não na interrupção) de uma psicanálise... Da mesma forma, também não permite elucubrações assombrosas do que se tornaria esse ser que passa pelo passe. Às vezes fica a impressão (enganosa) de que ao final de sua análise aquele que sustenta o discurso do analista se transforma num extraterrestre!

Maria Teresa Saraiva Melloni

Rrrrrsssss É isso mesmo! Mirta Fernandes sempre me dizia isso.j Um dia, ela disse: ah, caiu a ficha!

Miguel Mota

O mau humor não compreende nada... ...porque é um «toque de real», Lacan.

2 de maio

José Martinho

Persevero: o caminho que comecei a trilhar convosco no Facebook há um mês não

procura ser reflexivo ou especulativo, nem analisar os caminhos da formação do sintoma de cada participante na partilha, mas sim abrir uma nova via, na i-realidade, para se poder lidar um pouco melhor com esse sintoma.

Questão: como situar o Real e o Virtual do sintoma no grafo do desejo?

Resposta: se, no andar de baixo, é o Ideal, $I(A)$, que melhor situa o Virtual para o Sujeito ($\$$), no andar de cima, é o gozo (*jouis-sens*) do sintoma que começa a impor-se após o confronto do Sujeito como a falta no Outro, (Λ), ou seja, como o que há de mais real para cada Um.

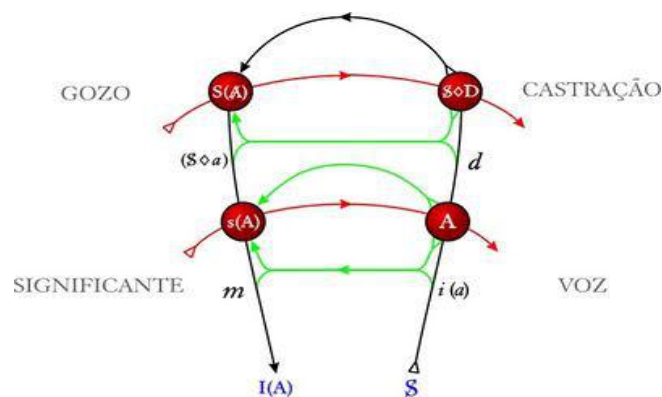


Imagem do «grafo do desejo» colocada no Fb por Cristina Alvarenga

Lilany Pacheco

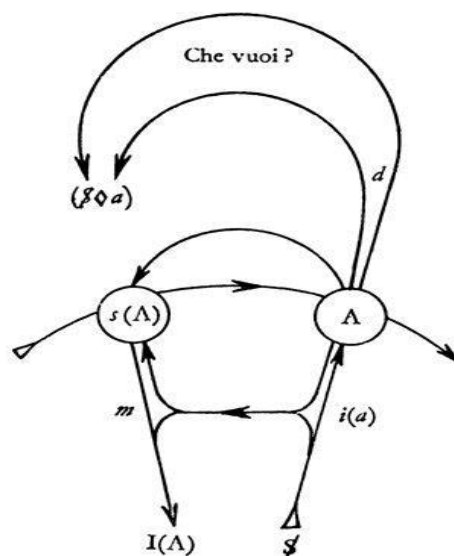


Imagem de «Subversão do sujeito e dialética do desejo», nos *Escritos* de Lacan

Maria José Barbosa

Calculo que esteja a pedir o impossível, mas consegue facultar-me uma interpretação do grafo do desejo?

Miguel Mota

Grafo do desejo é constituído por 2 andares, o do enunciado em baixo e o da enunciação em cima. Baseia-se no *nachtraglich*, a retroação: É pela retroação de um significante sobre outro (substituição de significantes ou metáfora) que se gera a significação: s (A), no andar do enunciado (\$ - A - s (A) – I (A). S (A), no andar da enunciação.

Maria José Barbosa

Obrigada, Miguel, pela amabilidade. Vou tentar digerir.

Miguel Mota

O Grafo é um desenvolvimento do esquema L. Articula o Imaginário (letras minúsculas) ao Simbólico (letras maiúsculas). A Maria José sabe o significado das letras?

m - i (a), em baixo, corresponde ao eixo imaginário do esquema L; d - \$ <> a articula o desejo (d) com o fantasma (\$ <> a). Nesta fase do seu ensino, Lacan considerava tanto o desejo como o fantasma como entidades imaginárias.

Maria José Barbosa

Sim, conheço o significado das letras, mas não entendo os reenvios a vermelho e a verde.

Miguel Mota

O vermelho suponho que designa a causa (significante), enquanto que os vetores verdes designam os efeitos (imaginários)?

No andar de baixo, andar do enunciado, o eixo da intenção, o que o sujeito pretende dizer, (§ - A – s (A) – I (A)), cruza a sincronia do Significante no lugar do Código (Roman Jakobson), designado A por Lacan. É no lugar do Outro (A) que, retroativamente, se constitui a significação: s (A), significado do Outro. O s (A) é um efeito (a verde) da substituição de significantes no lugar do Outro.

Maria José Barbosa

É muito difícil entrar no pensamento lacaniano. Obrigada pelo esforço, mais uma vez. O outro a que faz referência é o pequeno outro ou o Outro?

Miguel Mota

Quando uso as maiúsculas refiro-me ao Outro (A). Este grafo aparece plenamente desenvolvido no texto de Lacan «Subversion du sujet et dialectique du désir».

Mas no *Séminaire, livre V, Les Formations de l'Inconscient*, Lacan brinda-nos com a sua construção, passo a passo. Este livro V é a melhor introdução ao grafo.

Maria José Barbosa

Acredito, pelos estudos que já realizei, que no contexto i-realidade, mesmo no Facebook, estamos perante o grande Outro. Justifico a minha resposta (sob risco de ser absurda): as intervenções em contexto cibernético, mesmo as dirigidas a um interlocutor específico, são acessíveis aos interlocutores não autorizados, são sempre públicas. São exposição perante um absoluto, num contexto em que o outro se encontra onnipresente. E quando interagimos, prevemos essa presença absoluta, sabemos que estamos perante

um aberto absoluto, a uma exposição radical. Não sei se faz sentido?

Miguel Mota

Na fase do Grafo, o pensamento de Lacan era influenciado pela Cibernética. A retroação tem algo a ver com o mecanismo de *feed-back*. Algo que os distingue é a conceção do Outro, que para a cibernética é o código, e que para Lacan é um Outro barrado. Diria que a cibernética se situa ao nível do andar de baixo do grafo, ao nível do enunciado.

Maria José Barbosa

O sujeito barrado não obedece, à semelhança das máquinas cibernéticas, aos princípios da computação? Tenho resistências no que concerne a situar a cibernética no andar de baixo, o gozo ou o desejo, não sei discerni-los muito bem, está, indiscutivelmente, presente no cibernauta.

Miguel Mota

Uma coisa é a cibernética e as máquinas cibernéticas, outra os cibernautas. Estes são sujeitos, as máquinas, enquanto tais não são desejantes. Constituem-se na base da *forclusion* <preclusão> do desejo. É por isso que a cibernética, tal como o psicótico, mora no andar de baixo. Ambos supõem um Outro não barrado, ou seja, um Outro reduzido a um Código.

O que se pode pensar é no gozo subjacente tanto à ciência (cibernética), como à psicose. Lacan para falar de ambos utilizava o termo *forclusion*.

Maria José Barbosa

Temo que também as máquinas, neste ponto de evolução, a avaliar pelo seu carácter viral, funcionem como desejantes. Não?

Rosália Maia

Vamos prosseguir juntos tentando a in-serção no pensamento. O virtual não se opõe ao real. (aqui não é uma assertiva, trata-se mais de um questionamento). O que se opõe ao virtual é o atual. Ou seja, virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. Lembrando por exemplo, que a árvore está virtualmente presente na semente. Para tentar prosseguir, o Outro do pseudo-simbólico inaugurado pelo discurso da ciência não é verdadeiramente um «outro»; é apenas um outro virtual e, a esse título, arrisca-se a não ser mais de fato, que um outro «mesmo» (?).

Para o **Miguel Mota**

Tens a dizer algo para o que escrevi?

Miguel Mota

Se bem a percebi, concordo consigo. Lacan ao longo do seu ensino opõe Real à realidade, Real ao semblante. Creio que o chamado «virtual» se pode inscrever na rubrica do *semblant*. O *semblant* como defesa contra o Real. No virtual há muito de Ver...tual, uma pregnância do escópico. Há uma certa *forclusion* da Alteridade (héteros). O corpo como Outro, como héteros, não é convocado.

Ana Paula Gomes

O encontro amoroso é palco privilegiado para a encenação da fantasia do sujeito. Propicio também para que o sujeito ceda em seu desejo envolto na armadilha do *Che vuoi?* O que queres?

3 de maio

José Martinho

Novo ponto da situação:

Estamos há mais de um mês a conversar sobre o Real e o Virtual. Num primeiro tempo abordámos o problema ao nível da «Tópica do Imaginário» (Lacan). Falámos das imagens reais e virtuais, em particular na i-realidade. Podíamos também ter falado – mas não falámos – de um tipo de imagens a que me dediquei há alguns anos, as imagens sintéticas, hologramas e fractais.

Num segundo tempo, determinámos o Real e o Virtual a partir da «ordem simbólica» (Lacan), da linguagem e de *lalangue* (Lacan). Privilegiámos então a poesia, ou mais latamente as práticas poéticas.

O que propus a partir do dia 1 de Maio é que dedicássemos este último mês a cercar o Real e o Virtual a partir do sintoma tal como a análise de orientação lacaniana o concebe, ou seja, como o que há de mais real para cada um.

Foi já neste capítulo que, depois de ter situado o sintoma no S do «esquema L» (de Lacan), procurei, em seguida, situá-lo no andar de cima – lá onde *ça jouit* - do «grafo do desejo» (Lacan), ao nível do Significante do Outro barrado, S (A); e, no andar de baixo (lá onde *ça parle*), no Ideal que visa o sentido que isso toma.

Esta localização no grafo deu lugar a um animado debate entre a Maria José Barbosa, o Miguel Mota e a Rosália Maia.

Espero agora que continuemos a falar do que é o Real e o Virtual para o sintoma.

Rosália Maia

Bom dia Martinho! Continuaremos juntos nas nossas investigações e debates. Fiquei particularmente interessada em retomar as imagens sintéticas, hologramas e fractais das quais você falou, por alguns momentos, sem perder de vista o sintoma proposto para maio. Caso possas disponibilizar algum material de sua autoria no campo desta abordagem. Agradeço a sua delicada atenção. Um abraço.

Maria José Barbosa

Un jeu de hasard poursuivi avec une machine: expressão lacaniana para traduzir a relação do homem com a máquina.

Importa pensar no que concerne à i-realidade, na minha modesta opinião, é a noção de jogo em Lacan. Estamos perante um movimento de gameficação da educação (projeto europeu). Ensinar através de jogos: o que significa isso? Que ilações podemos tirar? Como evitar a desagregação do simbólico do real?

É muito importante retomar o (seu) estudo das imagens sintéticas, hologramas e fractais. A inclusão da realidade aumentada na educação é um projeto europeu para os próximos três anos. o Facebook já não é o motor de mudança (eu sei que estou a falar com pessoas e não de máquinas), mas sim o último estádio da computação (gameficação e a computação genética), puras máquinas inteligentes?

Carolina Foglietti

«O real com que se defronta a análise é um homem a quem é preciso deixar falar»,
Lacan.

Maria José Barbosa

Alain Renaud esteve no Porto ontem e apresentou, na Universidade Católica, a tese da passagem do simbólico para o di-bólico, centrando-se unicamente na des-ontologização do real pelo digital. *Le cri de Turing* - foi bastante interessante. O real deixou de poder imprimir as suas marcas – tudo é manipulável.

4 de maio

Miguel Mota

Drama e grama. Interessante o debate em que **Roberta Gomes** se vê envolvida com o seu amigo adepto da esquizoanálise. Para distinguir a telenovela televisiva da

psicanálise lacaniana, poder-se-ia recorrer à distinção davinciana entre escultura (*via de levare*) e pintura (*via de porre*). Enquanto a TV elabora dramas em torno do grama (*via de porre*), a psicanálise (*via de levare*) procura reduzir o drama ao grama (letra). Enquanto a telenovela constrói mundos em torno do i-mundo, a psicanálise desfaz mundos para restituir o I-mundo. É com este grama I que Miller designa o Um no seminário que ele dedica ao *Un tout seul*.

A psicanálise não é transformar o novelo (do sintoma em novela). É isolar o fio vermelho, (*der rote faden*, Goethe), o *leit-motiv*, o Um que se repete, sem cessar.

Nesse aspecto, pode-se considerar que a (tele)-novela pertence ao domínio da obliteratura, como aliás toda a literatura. Tem uma função narcótica, em contraste com a psicanálise que visa o despertar para o Real.

Carolina Foglietti

«Aquele que me interroga também sabe me ler», Lacan

José Martinho

Na frase citada pela Caroline, Lacan fala de Jacques-Alain Miller, em *Télévision*. Mas deixemos a televisão e voltemos ao (real do) sintoma.

Lembro que, num primeiro momento, Lacan se interessa pelo sintoma como algo a decifrar: ele é letra inscrita em sofrimento na carne do sujeito, uma metáfora da verdade recalçada, mas também significante do Outro barrado, S (A). O que a interpretação analítica procura é revelar o sentido do sintoma como formação do inconsciente: o s(A).

O «Discurso de Roma» afirma ainda que o sintoma se resolve por inteiro pela função da fala no campo da linguagem.

Até aqui, Lacan procura dar conta da definição freudiana do sintoma como «signo». Num segundo momento, ele aborda o sintoma como substituto da satisfação pulsional

que não ocorreu, como diz também Freud, em *Inibição, sintoma e angústia*.

Passamos, assim, do sintoma causado pelo imaginário, pela fantasia, e do sintoma como metáfora ou simbólico, para o real do sintoma.

5 de maio

José Martinho

Em *Incêndios*, filme que a Ana e eu aconselhamos imperativamente a ver, há uma mãe que demonstra, no horror, que em matemática pura (como na psicanálise pura) Um e Um fazem Um.

O que se festeja hoje em Portugal não é a Mãe Real, nem a Virtual. Não é a Mãe Fálica, mas a Boa Mãe, eventualmente o Ideal do Outro que não existe. O Desejo da Mãe em questão é o que procura traduzir o refrão:

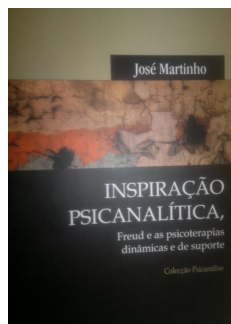
Com três letrinhas apenas

Se escreve a palavra Mãe

Palavra tão pequena

Mas a maior que o mundo tem

*



«O que é um sintoma no sentido psicanalítico do termo? Existem pelo menos três definições deste sintoma na obra de Freud.

A primeira é contemporânea da invenção da Psicanálise. O sintoma é aí definido como uma ‘formação de compromisso’ entre o desejo inconsciente e o recalçamento deste pela consciência. É a consciência que está na origem da doença mental. O sintoma só se cristaliza depois; ele forma-se a partir do que foi recalçado, e vem mostrar o deslocamento do desejo inconsciente provocado pela censura. O problema é que o Eu consciente do sujeito recusa reconhecer este desejo.

A segunda definição do sintoma encontra-se em *Inibição, sintoma e angústia*. O sintoma é então definido como ‘o signo e o substituto da satisfação pulsional que não ocorreu’. Estas duas definições articulam o desejo inconsciente com a pulsão e o seu representante psíquico ou fantasma.

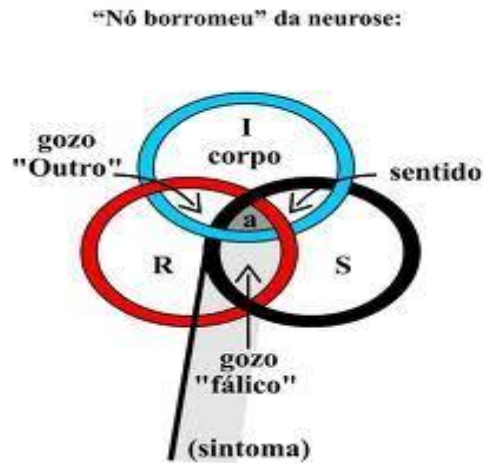
A terceira definição de Freud completa as anteriores. Ela afirma que o sintoma psíquico só existe enquanto analisável na neurose de transferência. Esta última definição é suficiente para que não se tente mais explicar o sintoma psicanalítico por nenhum factor orgânico ou cultural. Em vez de uma continuidade bio-psico-social, como se diz agora, ele instaura uma descontinuidade». (José Martinho, *Inspiração Psicanalítica*, Lisboa, EUL, 2011).

Rosália Maia

Olá José Martinho! Compartilho. Nossa discussão fica cada vez melhor! Um abraço.

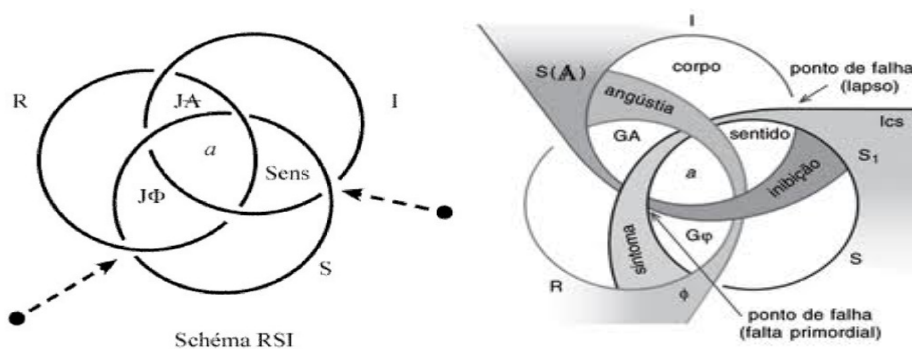
6 de maio

Maria Teresa Saraiva Melloni



https://www.facebook.com/photo.php?fbid=363186290449375&set=a.136069869827686.20035.100002740201528&type=1&relevant_count=1

José Martinho



Volto à conversa que tive com a Maria Teresa Melloni, apresentando outros dois desenhos do nó borromeano, porque eles fornecem mais algumas indicações sobre o (gozo do) sintoma.

Podemos ler no primeiro destes desenhos (Schéma RSI) que o Outro do Gozo está barrado: $J\bar{A}$.

O segundo desenho situa o sintoma no buraco formado pela rodela de fita do Real (R).

Num movimento levogiro (sentido contrário aos ponteiros de relógio), apanha, no Simbólico (S), o Gozo fálico ($J\Phi$), mais o objeto (a); e, no Imaginário (I), o Gozo Outro (JA) que afeta o corpo.

Resumindo: o real do sintoma inclui a castração, o objeto (a) da fantasia, que na verdade é a causa e o suplemento de gozo do desejo, mas também o Gozo experimentado no corpo pelo que o afeta vindo do lugar do Outro (linguagem).

Em cinzento-sombra, vemos como o sintoma cruza o Significante do Outro barrado, $S\bar{A}$, o (saber) Ics e, por fim, S_1 sozinho.

Esta minha simplificação do nó proposto por Lacan vai certamente complicar, ou melhor, complexificar a nossa discussão sobre o que é Real e Virtual para o sintoma.

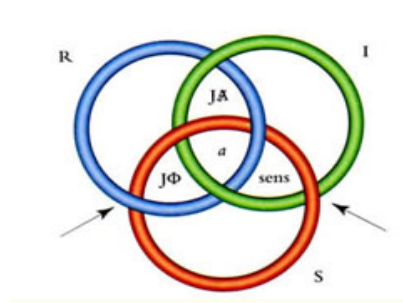
Nuno Simoes

O que cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada, uma certa penumbra. Sabemos que o impossível de suportar, com Lacan, é o real - para o qual não existe significação. A penumbra é aquilo que tenta contornar o real, aquilo que ao mesmo tempo é borda, margem e litoral. Luz e sombra- o território enigmático entre palavras e imagens. O gesto entre a noite e o dia, o sonho, o silêncio, o ruído, aquilo que incomoda, desarticula, a pulsão, o vazio, o nada que mora dentro das coisas, o lusco-fusco do desejo.

7 de maio

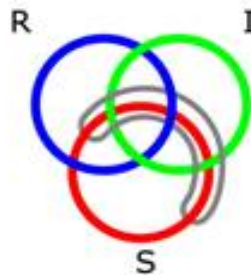
José Martinho

No Seminário RSI, o nó borromeano a três é o da realidade psíquica básica, que é a realidade paranoica. Lacan aproveita aqui para corrigir o que disse na sua tese de doutoramento, precisando que não há relação entre a paranoia e a personalidade, porque são a mesma coisa. A psicose paranoica consiste na continuidade da consistência ISR.



Quando o nó paranoico se desata, as três rodela de fita podem voltar a atar-se com uma outra, formando então um nó a quatro, onde Lacan diz que a personalidade é o *sinthome* (Seminário XXIII).

O nó que Lacan chama «sinthoma» (corda preta) não é pois psicótico, mas neurótico.



No esquema RSI que apresentei ontem, o Gozo do Outro, do Outro sexo por exemplo, está barrado para o sintoma. O sintoma implica que não há Outro (do Outro), logo que não há, propriamente, Gozo do Outro.

O que resta é o Gozo Fálico, o suplemento de gozo (a) e o sentido como *jouis-sens*. O gozo do sintoma deriva, pois, dos efeitos do Gozo Fálico do *parlêtre*, do que resta da castração (*plus-de-jouir*) e do sentido que afeta o corpo.

Paulo Novais

Obrigado pelo ensinamento.

Miguel Mota

Partilhou uma ligação:

Lecture de RSI

www.lacan-universite.fr

*

Saber dar o nó... ...de modo a evitar a para-nóia.

Nem falta o fio vermelho, *der rote faden*, o que mantem unidas as 3 dimensões (RSI) no nó a quatro:



Mosteiro da Batalha, 1386, Portugal

Este símbolo milenar, adoptado por Lacan para caracterizar o *parlêtre* como tri-unidade ou Sataníssima Trindade (Imaginário, Simbólico e Real), já era usado na Idade Média para representar a Santíssima Trindade e, mais remotamente, para simbolizar a «ideologia tri-funcional» (clero, nobreza e povo) que enformava as sociedades indo-europeias (Dumézil).

Carolina Foglietti

«As pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer», Lacan.

José Martinho

A importante frase de Lacan citada pela Carolina merece ser sublinhada, pois indica que o real do gozo do corpo (pulsional) não é adrenalina, ou outra qualquer substância físico-química, mas efeito de um dizer sobre o «organismo» vivo, sexuado e mortal.

Carolina Foglietti

Efeito do encontro do corpo com o significante...

José Martinho

O seguinte Seminário de Jacques-Alain Miller é muito útil para a nossa atual conversação:

<http://disparates.org/lun/letre-et-lun/>

*

«real é o que chamo real»

Lacan, S XXII, RSI, p. 129 (tradução).

Com a ajuda de Jacques-Alain Miller, continuo a apresentar o que Lacan foi chamando «real» no seu ensino. O objetivo é conseguirmos situar melhor o virtual.

Do Seminário I au VI, o verdadeiro Real para Lacan é o Simbólico. Resumindo: o Simbólico é o Real do Imaginário.

O Seminário VII, *A Ética da Psicanálise*, rompe com esta cadeia, pois o Real que tem aí o nome «Coisa» (*das Ding*) coloca o Imaginário e o Simbólico do lado da aparência (*semblant*).

Freud tinha procurado abordar o mais Real através da sua mitologia da pulsão, remetendo a fonte desta para a Biologia.

Lacan, que começou por situar a pulsão no Imaginário, não vai seguir a Biologia, mas procurar doravante situar o Real numa Topologia. N'Um espaço.

Dirá então: « [...] le nœud borroméen est la meilleure métaphore de ceci, que nous ne procédons que de l'Un. », Sem XX., p. 116.

Lilany Pacheco

As dimensões do gozo

<http://www.valas.fr/IMG/pdf/P-VALAS-As-dimensoes-do-gozo.pdf>

Carolina Foglietti

A partir do Seminário R.S.I (1974-75), Lacan estabelece que o sujeito está triplamente determinado pelas três cordas. Além disso, cada corda tem seu furo [seu real], ou seja, há o real do real, o real do simbólico e o real do imaginário; cada corda tem sua consistência, isto é, há o imaginário do simbólico, o imaginário do imaginário e o imaginário do real; cada corda tem seu simbólico, com o qual há o simbólico do simbólico, o simbólico do imaginário e o simbólico do real. Na zona de triplo furo, Lacan situa o objeto a – esse objeto que resta dos três registros. O furo é assegurado pelo simbólico, uma vez que o significante faz furo no real, extraindo o que ex-siste à estrutura para que ela possa se constituir enquanto tal. E o que ex-siste à estrutura? O objeto a e o Nome-do-Pai.

Assim, para Lacan, o S_1 vem atestar o fracasso da linguagem em sua tentativa de escrever simbolicamente a experiência mítica da satisfação primordial. Em outras palavras, é pela repetição do Um que se engendra a perda: «a perda de onde o mais-de-gozar toma corpo» (Lacan, 1969-70, p. 130). Com efeito, a perda do objeto [real] só poderia se dar a partir do simbólico, uma vez que ao real não falta nada.

José Martinho

A Coisa - acoisa - está a ser apertada. Esperemos que os nossos amigos não fujam agora (rs).

Carolina Foglietti

Que coincidência... estou lendo agora mesmo a lição V do Seminário 18, em que Lacan coloca que «a coisa só pode escrever-se como <acoisa>, o que significa que ela está ausente ali onde ocupa seu lugar.»

Que não nos ausentemos para que algo da «acoisa» se possa escrever.

Maria José Barbosa

Eu devoro tudo o que vocês escrevem. Que sou eu? i-real?

O «furo é assegurado pelo simbólico»: é o ponto de abertura do sujeito ao exterior (existente)?

José Martinho

Como postei hoje, já não se fala mais a este nível de «sujeito», mas de realidade psíquica RSI, ou sinthomática. Propriamente, também não há Abertura ao Outro e ao outro, mas relação intersintomática.

Carolina Foglietti

«A psicanálise não é apenas uma questão de escuta, de *listening*, ela é também questão de leitura, de *reading*. No campo da linguagem, sem dúvida, a psicanálise toma o seu ponto de partida na função da palavra, mas ela refere esta à escrita. Há uma distância entre falar e escrever, *speaking and writing*. É nesta distância que opera a psicanálise, é esta diferença que a psicanálise explora», J-Alain Miller.

Maria Teresa Saraiva Melloni

Concordo! E estou escrevendo sobre isso! Onde achou essa citação do Miller?

Carolina Foglietti

Na *Afreudite*:

revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/article/download/2483/1942 - «Ler um sintoma.».

José Martinho

Em *O Ser e o Um*, de Jacques-Alain Miller, aparecem estas fórmulas:

Escuta

$s \rightarrow S$

Leitura

$S \rightarrow s$

O que o analista tenta fazer é escutar o que diz o analisando ao pé da letra.

Carolina Foglietti

Então, se na leitura o que se privilegia é o significante, o dizer, a enunciação, na escuta, é o significado, o dito, o enunciado que se destacam, certo? Dessa forma ao escutar, o analista lê o que da fala do analisando se escreve.

José Martinho

É verdade que, na leitura, parte-se do texto e pode-se deduzir o seu significado, enquanto na escuta (analítica) costuma-se partir do sentido, do que o sujeito quer dizer, para daí extrair os seus significantes.

O que Jam diz é o seguinte: «l'écriture que j'appellerais d'existence, c'est l'écriture qui n'est pas écriture de la parole. Je dis qu'on peut la dire écriture pure...La lecture c'est autre chose. La lecture ça part du signifiant et éventuellement ça peut donner lieu à des significations».

Maria Teresa Saraiva Melloni

«O que está recalcado é um ser virtual que está no estado de possível, que aparecerá ou não» (Miller, JA). Poderíamos pensar, a partir daí, que a questão do virtual não constitui um problema para a subjetividade, mas sim uma possibilidade?

8 de maio

José Martinho

Continuando o que propus ontem:

Se o primeiro Lacan, seguindo Hegel, define o desejo como o desejo do Outro, o último Lacan mostra que a pulsão é de Um (só).

Diferentemente da fonte biológica da pulsão freudiana, a raiz do Outro é o Um.

Porque é que a partir de dada altura – essencialmente do Seminário XIX - Lacan grita «Y a de l'un», melhor, suspira-se (*ça s'...ou pire*), repetidamente, «Yadl'un»?

O grito começa por ser o do significante, do seu impacto sobre o corpo. O Um lacaniano procede da existência do significante; não do significante diacrítico de Saussure, mas do «traço unário» de Freud.

O Significante Um sozinho, como traço único, equivale a uma letra. Pode-se dizer aqui que o grito é (o) escrito.

O corpo é o Outro do Um. É neste sentido que podemos dizer que o Gozo do Outro é o gozo do corpo.

A conjunção do Um e do corpo é o gozo como acontecimento de corpo (*événement de corps*).

Sobre a relação das parcelas de gozo do corpo com a letra, aconselho que se leiam as páginas 102 e seguintes do Seminário X, *L'angoisse* (Seuil), onde Lacan explica que a letra «a», e não o nome da coisa, é aquilo que confere identidade ao «objeto a».

O objeto a não tem nada de objetivo, nem no sentido da relação de objeto do sujeito, nem no sentido da objetividade científica. O objeto a é variado (objeto de angústia, de fobia, objeto fetiche, etc, etc, etc), pois é uma metáfora da Coisa (real), logo um *semblant*.

Assim, o único real do objeto a reside na letra «a». A letra é o Um do objeto.

Carolina Foglietti

Il y a... un monde entre le mot et la lettre, Jacques Lacan

Miguel Mota

O objecto não se mostra, demonstra-se. É um objecto lógico. Mostra-se na angústia, ou na psicose.

José Martinho

Partindo da letra como o Um do objeto (a)feto que não engana, diria que neurose e psicose permitem à psicanálise duas maneiras de abordar este objeto, uma através da construção lógica (por exemplo do fantasma fundamental), e a outra pela abertura do vazio no quadro onde o objeto surge.

Miguel Mota

É por essa abertura do vazio que se precipita o melancólico, identificado ao objecto, na defenestração?

José Martinho

Esse é o risco melancólico. Mas existem outros usos do vazio, como o da tela ou da página branca.

Filipe Pereirinha

Em «Goldstein e a tabela periódica» (uma das estranhas narrativas de *Matteo Perdeu o Emprego*, de Gonçalo M. Tavares), conta-se a história de um cego de nome Goldstein que tinha uma estranha mania por elementos químicos (como o escândio) e pela tabela periódica de Mendeleev, a tal ponto que pediu ao seu amante, de nome Gottlieb, que fizesse nas costas uma tatuagem com esta tabela em Braille. Não era algo para ver, mas tocar com as mãos. Não era verdadeiramente uma tatuagem pois não tinha desenhos, palavras ou traços. Eram marcas que facilmente seriam confundidas com cicatrizes. Uma concentração de manchas na pele que pareciam denunciar uma doença desconhecida e, por isso, quase aterradora. Nas suas costas, Gottlieb, trazia literalmente (os termos são do autor) um segredo que era também uma maldição, de que jamais se libertaria. É interessante pensar a função da tatuagem: há tatuagens significantes (que são uma espécie de carta - *lettre*, em francês -, uma mensagem endereçada ao Outro) e há tatuagens literais (que são puras letras fazendo corte na pele, cicatriz na carne, mancha no corpo). E há também aqueles que escrevem nas paredes, nos muros (talvez na impossibilidade de falar às paredes - *parler aux murs* - como dizia Lacan no início dos anos setenta). Chama-se MURAL, que vem de muro, a essa parede virtual onde se escreve - e etc. - cada vez mais. Aí são publicadas muitas «lettres d(a)mur»...Eis uma das razões por que o governo português decidiu encerrar umas tantas estações de correio (na realidade), pois desde que há murais, os correios parecem estar a perder a função de levar a correspondência (a letra) de um lugar ao outro. A carta implicava uma certa distância, uma certa demora, a possibilidade tensa de não chegar (como nas famosas *Lettres Portugaises*). A carta de Nhorinhá (no *Grande Sertão*, de Guimarães Rosa) demora oito anos - oito anos! - a chegar ao destino...Que coisa absurda na era virtual (do e-mail, do Facebook...).

José Martinho

Em associação de ideias com o Filipe e a Carolina, que me falou desta nossa conversação no Facebook como uma espécie de trabalho de «cartel», diria, talvez, que ela se assemelha mais a uma correspondência, como aquelas que se iniciaram nos séculos XVII e XVIII, era das Luzes, ou seja, uma troca de *lettres*, veiculando desta vez um saber (fazer) alegre, com humor, alguma poesia e ensaio de rigor.

9 de maio

José Martinho

Continuando a abordar o real como gozo do sintoma.

O gozo é a substância do sintoma, mas também o sentido que toma o que tem de real. O sentido do gozo sentido (*jouis-sens*) supõe a conjugação do Inconsciente e do Id.

Se Freud remete a fonte da pulsão para a vida biológica, o «gozo» que Lacan supõe à planta e ao animal é o que se chama hoje «homeostasia»; e, antes disso, «princípio de constância» (Fechner), Nirvana (B. Low), ou «princípio do prazer», isto é, a diminuição ou a redução de todas as tensões a 0 (Freud).

O verdadeiro gozo é, pois, o do sintoma do *parlêtre*.

A linguagem é o «aparelho do gozo»; esta aparelhagem não consegue evitar o desequilíbrio orgânico introduzindo pela impressão e repetição do Um na regulação homeostática.

É esta reiteração que constitui a autonomia do gozo relativamente à vida. Foi a via pela qual Freud introduziu definitivamente a pulsão de morte na psicanálise, ou seja, uma lógica para além e até contrária à lógica do vivente, à sua assimilação e reprodução.

Para simbolizar essa lógica, deixemos de escrever S_1 , e escrevamos simplesmente 1, melhor, I, romano, opondo-o ao zero árabe: I/0. A partir daqui podemos entrar no binário básico da aritmética, da cibernética. Entrar, pois, na i-realidade.

Lembro também que a compulsão a repetir o Um comemorativo do inolvidável, insistente e sempre atraente gozo - sem o qual o universo seria vazio - não impede que ele seja primordialmente recalcado. I introduz o 0 como número, mas recalca o zero como Nada. Cada um dos fios do «nó Bo» não é, pois, o furo em torno do qual eles se arredondam.

Impedido de gozar da Coisa, do Real-em-si, o *parlêtre* terá de se contentar com pequenas coisas, peças soltas, pedaços de real. E de virtual.

Selma Calasans Rodrigues

Em resumo, escolho ser gata e só dizer miauuu...

Rosália Maia

O trabalho é in-tenso. A leitura é devagar, mas anteadá!

Gilson Beck

Minhas moedas sobre a i-realidade (irrealidade?). No código binário: I=ligado (ou verdadeiro) e 0 = desligado (ou falso), gozo e não gozo. Por combinações de I e 0 (8 bits, 16 bits...), o computador percebe informações e as processa, produzindo novas combinações de I e 0. Ou seja, I000I000 e III0I0II são duas coisas, a primeira contém 2 bits de gozo e a segunda contém 6 bits de gozo. Divago: é pela quantidade de gozo (quantidade de I) que se pode reconhecer as coisas ou a Coisa? É pela quantidade de I que temos ou percebemos o Real e o sintoma? Sobre bits, bytes e assemelhados: <http://fr.wikipedia.org/wiki/Bit>

José Martinho

Gilson, interessante e nova essa sua aproximação da Coisa, até pelo vocabulário utilizado (2, 6 bits de gozo), e que corresponde bem ao «fator quantitativo», à «Quantidade» (Qn) de Freud. Preferia, no entanto, dizer que é pela intensidade, a reiteração do I, que cada um «sente» realmente o que o seu sint(h)oma comporta de gozo.

Miguel Mota

É do latim *computare* que deriva a palavra contar, que tem várias aceções. Numa

análise, o sujeito é convidado a «contar» a sua história, a desfiar o seu mito. Esta é a aceção simbólica. Mas a «narrativa», longe de ser linear, mais se assemelha a uma espiral, girando em torno de um «buraco negro». De cada vez que a narração tropeça, revela a sua inconsistência, o analista interrompendo a sessão, conta esse momento de encontro com o real, esse momento em que a ficção dá lugar à fixação. O 1 da linguagem do computador não se deve confundir com o I (Um só). A alternância 1/0 do computador é a base de uma linguagem ideal, sem lapsos, sem efeito de sujeito. O computador, fruto do discurso da ciência, «forclui» o sujeito. Pretende configurar uma linguagem perfeita. No entanto, o que é «forcluido» do simbólico retorna no real, sobretudo através dos «vírus», dos *bugs* e das *pannes* do sistema.

Penso que se deve distinguir entre as letras do abecedário e as letras «monogramas de lava» (Roberta Gomes). Entre as letras da linguagem e as letras de *lalangue*. O gozo pressupõe um corpo vivo.

Le Un dont il s'agit ne se crie pas (primal scream), s'écrit.

José Martinho

Apesar de desagradar certamente à Maria José (cf. conversa anterior entre os dois), a anotação do Miguel volta a levantar o problema, não só da existência efetiva de máquinas desejantes, como da razão do automatismo de repetição. Por exemplo, no Seminário sobre *La Lettre volée*, Lacan mostra que a circulação da *lettre* é independente do conteúdo e da forma do conto, assim como das personagens da tragédia ou comédia humana que aí se representa. Mesmo se o circuito da *lettre* - do tipo 1/0, presença/ausência - «preclui» (*forclous*) o sujeito, é o que determina os efeitos inconscientes e o gozo do corpo que dele deriva.

Rosália Maia

Fractais em espiral gravitam!

Ana Paula Gomes

Em tempos de Instagram, Facebook, FaceTime, não existem mais Blind dates. Ledo engano, os encontros são sempre às cegas.

José Martinho

O Miguel tem razão quando diz que o 1 da linguagem dos computadores, como o 1 da aritmética (Frege), não é o I (Um só). Se este está só, está também à partida sem o 0 (zero). O zero como número e até como nada é já um efeito da penetração, da inscrição do I (que faltava) no corpo.

Acrescento aquilo que diz Jacques-Alain Miller sobre a falta da primeira marca: «...l'écrit primaire non pas l'écrit notant la parole. Cet écrit primaire que j'ai essayé d'écrire la dernière fois par un I majuscule, de forme latine, auquel j'ai conjoint ce rond supposé indiquer un manque, le manque de cette première marque et dont je vous ai dit qu'il valait comme l'ensemble vide», J-A Miller, *L'Être et l'Un*.

Jorge De Almeida Gonçalves

Para quem ensina informática a miúdos:
<http://memolition.com/2013/05/24/whats-an-algorithm/>

Carlos Eduardo Leal

Aos amantes da leitura no Fb:

Esta frase de um só linha é só minha. Quantos lerão?

Antena Do Campo Freudiano

Não será de uma só linha? E quantos uns lerão?

Carlos Eduardo Leal

O «a» sempre é o que é, o resto, Antena Do Campo Freudiano, tão sempre antenada.
Obrigado. Bom dia

Antena Do Campo Freudiano

E, já agora, uma partícula feminina: um não é uma. Um Bom Dia igualmente!

Rosália Maia

Boa tarde! A questão proposta hoje por Carlos Eduardo Leal nos remete a uma nova questão: na i-realidade, quem dá provas ou testemunhos de análise? Re-lembrando lições, «o sintoma é um retorno da verdade. Ele não se interpreta a não ser na ordem do significante, que só tem sentido em sua relação com outro significante».

José Martinho

Evidentemente que pode haver um lado provocatório na frase e na questão do Carlos, na medida em que na i-realidade do Facebook pode parecer que a interpretação do que se enuncia ou escreve não se faz sob transferência analítica, logo não tem o mesmo impacto sobre a fantasia e o sintoma do sujeito.

Mas ninguém pretende por aqui que o Fb é a mesma coisa ou tem o mesmo objetivo de uma análise, apesar de haver multifacetadas transferências e até uma certa direção da conversa, não da cura.

Rosália Maia

Sim. Claramente. Na direção e no sentido. Portanto insisto em retomar o seu texto sobre os fractais que certamente deve trazer uma contribuição que e-lucida as operações neste campo do encontro. Grata. Muito grata.

10 de maio

José Martinho

O gozo do sintoma supõe a existência do corpo, não propriamente do corpo que se é, mas daquele que a partir de dada altura temos a impressão de possuir (o designado «corpo próprio»).

Ser não é ter, nem existir. Jacques-Alain Miller diz que o sintoma é um ser de gozo. Esta ontologia não viria no entanto à luz do dia sem uma ôntica. E, como adianta ainda Miller, «a única ôntica válida para Lacan é a ôntica do significante». Melhor dizendo, da letra.

Queria concluir o seguinte: a condição do gozo do sintoma é a existência da letra que se imprime (reiteradamente) no corpo. Começa aqui um dizer novo sobre a escrita, sobre uma escrita que não é transcrição de uma fala. De uma escrita que é mais do que nó RSI, uma escrita-Sinthoma.

Rosália Maia

Fazendo uma inserção: por que diríamos que o poeta contemporâneo cria mais a partir do sintoma do que da fantasia?

José Martinho

Não é só o poeta, mas o artista contemporâneo que cria sobretudo em parceria com o seu *sinthome*. O exemplo que Lacan privilegia nesta abordagem é Joyce. O meu é Pessoa. Basta ler um ou outro para sentir que o problema de cada um não reside naquilo que fantasiam.

11 de maio

José Martinho

Para Freud o Um é um Ser (*sein*); ele afirma que o Um está presente na união de dois (amor) e participa (*Mitsein*) do Todo (Incesto, Cosmovisão, *Weltanschauung*): *Einssein mit dem All*. O que se vai impor para além deste Um-Eros é Thanatos, a dissolução do Ser.

Para Lacan o Um não é um Ser, já que procede da ôntica do significante, ou melhor, como disse ontem, da letra. O Um dispensa o Ser; trata-se do Um *unien*, próximo da primeira hipótese do *Parménides*: *epkeina tou ontos*, que se conclui par *adunaton*.

Esta Henologia não impede que haja um Para Todos e um Não-Todo (*pastout*). O quantificador universal diz sobretudo respeito ao Homem, e o existencial às mulheres. É por aqui que elas apontam para o futuro.

Começámos a escrever o Um que ex-siste só ou sozinho I, caractere romano, para o distinguir do 1 e dos outros uns.

É neste I – retomado por Lacan a partir do «traço unário» da identificação - que reside a origem da escrita, da lógica, mas também do gozo que afeta o corpo da não-relação sexual.

Aquilo que resta irremediavelmente deste encontro do I com o corpo são os estilhaços do Outro barrado, por exemplo da Mulher que não existe; e a desordem do real, não só no século XXI, mas da condição humana.

Miguel Mota

É o I (henológico) ou o seu apagamento, a sua ob-literação que constitui o «grau zero da escrita», para retomar, num outro sentido, Barthes?

Um exemplo atual da repetição inextinguível do mesmo UM: Ariel Castro, predador sexual em Cleveland (USA)

<http://www.noticiasaoiminuto.com/emdestaque/71837/ariel-castro-predador-sexual-celebrava-anivers%C3%A1rios-dos-raptos#.UY4PghRdboZ>

A letra constitui o testemunho silencioso de um encontro contingente (a violação quando criança), um acontecimento de gozo, que tem como consequência a formação de sintomas (o violado torna-se violador compulsivo).

É este choque inicial que a raiz do sintoma tem em comum com a toxicomania como repetição inextinguível do mesmo UM. A toxicomania é a raiz do sintoma, uma vez que a dependência repete algo que não se calcula. O alcoólico não conta. Bebe um copo e repete-o, uma vez mais, sempre...O alcoolismo (neste caso, a violação) funciona como uma comemoração de um fenómeno de gozo original...comemoração fora de sentido numa interminável e monótona repetição do mesmo Um eterno.

Maria Teresa Saraiva Melloni

Acho bem complexa essa elaboração do Lacan. Não consigo falar dela, enquanto eu não puder passá-la para o campo da clínica. Espero poder fazê-lo breve.

Miguel Mota

Zeichen: sinal, insígnia, indício, sintoma, signo...

Se a arte é um pouco «dar cara ao character», a ciência visa detectar o character por detrás da cara (pense-se nos caracteres dominantes e recessivos na biologia genética). A psicanálise, entre arte e ciência, procura o character dominante (a letra, o Um que se repete, de modo incessante) por detrás da cara (semblante).

12 de maio

No Dia da Mãe em terras brasileiras

Miguel Mota

La dormeuse

Figure de femme, sur son sommeil
fermée, on dirait qu'elle goûte
quelque bruit à nul autre pareil
qui la remplit toute
De son corps sonore qui dort
Elle tire jouissance
D'être un murmure encor
Sous le regard du silence

Rainer-Marie Rilke

*

«Pour décrire la relation de la fille à sa mère...Lacan a eu un mot fameux: le ravage. C'est qu'en effet cette relation a tous les traits d'une relation passionnelle dont les partenaires ne parviennent pas à trouver l'issue, sinon en termes de rupture. L'histoire d'une fille et de sa mère apparaît comme l'histoire d'une séparation toujours remise à plus tard.». *Que veut une femme?*, Serge André

*



13 de maio

José Martinho

Depois do Dia da Mãe no Brasil, o de Nossa Senhora de Fátima em Portugal.

Para aqueles que têm sentido alguma dificuldade em ligar o que tenho vindo a dizer nos últimos dias sobre «Real e Virtual» com o «campo da clínica» - cava bem diferente da Cova de Iria -, proponho que se pense no seguinte: Só Um é realmente real para cada um.

Este «realmente real» deve ser distinguido da angústia, que é «simbolicamente real», e da mentira (da palavra), que é «realmente simbólica» (cf. Lacan, *Un signifiant nouveau*, Ornicar? Nº 17/18, Navarin-Seuil, 1979).

Um só é o traço (I) que identifica o sintoma. O último Lacan fala mesmo do fim da análise como *identification* ao sintoma.

O Real do sintoma encontra-se para alguém ou além das triangulações edipianas (Simbólico), bem como das relações duais (tipo mãe-bebê) e narcísicas do «pré-edipiano» (Imaginário).

Se o sintoma é o mais real de cada um, é também o que resiste mais à análise, a qual supõe o Outro como «sujeito suposto saber».

O problema é que o gozo do sintoma está enleado na reiteração do I; este não é só o princípio de todas as adições, como a pedra no caminho da interpretação, do sentido e porventura da verdade que a «cura» pela palavra e não só tentam revelar.

Diante do insensato, ininterpretável, inalisável, incurável sintoma, a velha «clínica» e sua novela sofre forçosamente um atropelo. O psicanalisar fica desde logo suspenso ao novo, ao desfiar dos fios RSI, aos desenlaces dos laços (familiares, profissionais, sentimentais, etc.) da realidade psíquica, até que o nó seja atado de um modo mais conveniente para o *parlêtre*, e deixe de carregar masoquistamente o sintoma como se

fosse a sua sina ou destino, e consiga extrair do que convirá agora chamar o seu «sinthoma» aquilo que tem de mais criativo.

Gilson Beck

Belo final (de análise).

14 de maio

José Martinho

Como ainda me perguntam quem sou eu, que ando aparentemente mascarado de Antena do Campo Freudiano, respondo:

Pessoalmente não uso Fb. Mas não sou Um com Antena (s), nem Uma (per) Ante nada.

Quando, no início de Abril, peguei no perfil do Facebook da Antena do Campo Freudiano – Portugal (ACF para simplificar), dei o meu nome – José Martinho – e coloquei pela primeira vez *online* uma foto minha.

Agora acrescento: a ACF foi virtual antes de ser real, foi um nome e um conceito antes de ser uma instituição. Ela nasceu de uma conversa que tive em Paris – cidade onde vivi cerca de 20 anos – com Jacques-Alain Miller, um pouco antes do meu regresso definitivo a Lisboa.

Num primeiro tempo tratava-se de implantar uma Antena (no sentido da rádio ou da televisão) em Portugal, para receber, trabalhar e difundir as informações provenientes daqueles que gravitavam no Campo Freudiano, nome da Fundação que Jacques Lacan criou pouco antes de morrer e que preside ainda hoje a sua filha Judith.

Num segundo momento, a ACF tornou-se uma instituição mediante ato notarial e passou a ser designada por Antena do Campo Freudiano – Portugal. Foi também o tempo em que integrou a depois criada Associação Mundial de Psicanálise.

Num terceiro momento, o atual, a ACF tornou-se um sintoma, e não só em Portugal. Foi neste contexto que decidi lançar de novo a ACF na realidade virtual, a i-realidade do Fb. Depois de ter falado com a Ana, que anda agora um pouco desaparecida, lançou-se um desafio para conversar, e o tema Real e Virtual obteve a maioria dos votos.

No final deste mês esta conversação acaba. Que os antigos e novos amigos virtuais se apressem a lançar as suas achas para a fogueira.

Nuno Simoes

«Eu ao leme sou Mais que Eu», Fernando Pessoa

Filipe Pereirinha

Uma foto, um nome, uma coisa: o mínimo para fazer um nó (borromeano). Ao dizer que a Antena se tornou um sintoma (dentro e fora de muros) - e agora também no mural - poderemos dizer que ela é um nó (no sentido borromeano do termo) ou, mais do que isso, um «quarto nó» (aquele que Lacan escreve de um modo diferente: *sinthome*? Será que não há aqui uma passagem necessária, urgente...do sintoma ao sinthoma? Que a ACF esteja agora, de forma mais decidida, a navegar na realidade virtual - muito por culpa daquele que decidiu dar a cara, e a letra, por esta nova causa, o José Martinho - não impede que se coloque também a questão do REAL. Mas, nesse campo, a existência real da Antena é muito anterior à sua existência virtual. O José Martinho postou uma foto que tem como pano de fundo uma cena marítima...talvez porque o nosso tempo (e esta i-realidade em que vivemos) é essencialmente «líquida» (como diria Bauman). Mas há igualmente outra coisa, me parece: é que tudo isto tem que ver com o desejo de navegar. Como dizia o lema dos navegadores Hanseáticos, algures citado por Freud: NAVEGAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO! A realidade virtual recupera, até nos termos, este desejo de navegar...para além da mera (sobre) vivência. Que a Antena, a cujo sintoma eu também pertença um pouco, saiba colher um novo fôlego do desejo de navegar em novas águas... Que esta conversação possa enfunar de novo as velas do navio!

Claro que se o desejo é da ordem do vento (que enfuna as velas) a pulsão é talvez o verdadeiro motor que empurra o navio!

José Martinho

Sobre as relações da vida ou do autor com a obra: «A cada romance a minha biografia vai mudando», John Irving

Filipe Pereirinha

Talvez se pudesse ler aqui uma diferença entre o criador (cuja vida muda a cada romance) e o neurótico (cujo romance, familiar, se repete a cada vida). É o que Lacan, numa passagem do *Mito Individual do Neurótico*, descreve da seguinte forma: «Tudo se passa como se os impasses próprios da situação original se deslocassem para um outro ponto da organização mítica, como se o que num sítio não está resolvido se reproduzisse sempre noutro».

Mas, desenvolvendo um pouco mais a questão, também há algo da ordem da repetição - e até da pulsão - no ato de escrever. É o que Philip Roth, por exemplo (numa entrevista ao *Le Monde*, *hors-série*, fevereiro-março 2013) formula sob a forma de uma questão: *qu'est-ce qui me pousse à écrire?* Philip Roth é interessante porque é alguém que parou finalmente de escrever, dizendo que já não escreve mais, «que já não quer ser escravo das exigências e do rigor da literatura». Diz que se «desembarçou finalmente do seu mestre e que agora respira livremente». Se o trabalho da escrita for da ordem de um *pousse-à-jouir*, ele agora goza menos, mas respira melhor. O gozo (da escrita) pode tirar o fôlego?

Há também, na escrita, um «tempo para compreender» e um confronto com o impossível. A palavra é do escritor (que deixou de escrever): «(Escrever) é um prazer que dura pouco mais de uma semana e meia. Quando se termina um romance, tem-se um sentimento de triunfo, mas isto não dura mais que dez dias, o TEMPO DE COMPREENDER que escrever outro é algo de perfeitamente impossível». Por conseguinte, a conclusão de um livro desemboca na experiência de um real (como impossível...de escrever). Um novo livro, pelo contrário, é a resposta "contingente" (que cessa apesar de tudo de não se escrever) a esse impossível. Poderíamos falar também do Real e Virtual – Conversas no Facebook

possível (do virtual?): o que cessa de (se) escrever. Ao decidir finalmente deixar de escrever, Philip Roth não mostra, em ato, que a escrita é da ordem do possível, isto é, do que cessa de se escrever, e não do necessário, do que não cessa jamais?

Miguel Mota

Interessantes as questões suscitadas pelo Filipe. Creio que se pode distinguir a escrita da palavra e a escrita da letra. Se o escritor está condenado à escrita, como Sísifo a rolar a sua pedra, é porque utiliza a literatura como ob-literatura, como meio de esquecer não o ser (Heidegger) mas a letra ek-sistente, o Um que se reitera.

Podemos talvez proceder a uma leitura da frase de Irving, a partir do grafo do desejo: cada romance funciona como um S_2 que, retroagindo com o romance anterior, ou com o romance familiar (S_1), gera uma nova significação : $s(A)$, ou seja, uma nova biografia.

A letra ob-literada retorna no comando super-egóico do *pousse-à-écrire*.

José Martinho

Podemos utilizar esta discussão particular para situar o problema no contexto da nossa conversa sobre Real e Virtual. A frase de Irving – pronunciada num recente programa do canal da televisão francesa Tv5, *La Grande Librairie* - podia se encaixar no que disse a crítica estruturalista do romance, a saber, que ela tratava de extrair a estrutura da obra sem se importar minimamente com a biografia e a intenção do autor.

A nossa conversação atual segue um outro rumo, o do real do sintoma. Neste sentido, o que Irving diz é que a facticidade da sua história, a sua imagem privada e pública, e até a ordem simbólica da sua literatura sofre uma deformação de cada vez que escreve um romance. Como dizia o Miguel: «cada romance funciona como um S_2 , que, retroagindo com o romance anterior, ou com o romance familiar (S_1), gera um novo.

O que se trataria agora era de saber extrair, da série dos romances, o Um (I) que constitui o seu primeiro motor, ou como dizia o Filipe, o que *pousse à écrire*, na

repetição do mesmo, ainda que gere uma verdadeira variedade (*varité*) de textos e temas.

Miguel Mota

Este debate também levanta a questão do *serial* como uma figura da modernidade: *serial killer*, *serial writer* - há escritores que confessam que escrevem para não matar - e da sua relação como *Essaim*.

Nestes tempos de declínio do significante paterno, o crime político deixou de ser o magnicídio (de figuras paternas) que, no esquema L se poderia situar no eixo simbólico ($S \leftarrow A$), para passar a ser o crime em série ou em massa, a situar no esquema L, no eixo imaginário ($a \rightarrow a'$). Ao assassinato do pai sucede-se o assassinato dos irmãos, configurando um regresso tópico ao estágio do espelho, ao confronto especular do «ou eu ou o outro».

Roberta Gomes

Notícia de última hora: Angelina Jolie retira os seios para evitar câncer: uma aposta, não resta dúvida! Exigiu coragem, de fato! Mas tem uma série de outras possibilidades que não garantem, existem outras vias por onde isso possa se instalar no corpo...O funcionamento não é tão objetivo assim!

Como ficam os corpos diante de tantas respostas da ciência, meros objetos a serviço do gozo de quem? Diante dessas pesquisas começamos a perder o estatuto de sujeito para sermos probabilidade em percentagem onde diante não mais de uma pulsão de morte, mas quase de um atestado de óbito antecipado, exige que você tome uma decisão!

Bianca Levita Stefani

É... uma forte castração...

Roberta Gomes

O Outro da modernidade não mais existe, restando como puro funcionamento lógico que tenta reduzir o sujeito ao objeto de gozo.

Izabella Jacobina

Fico-me perguntando, e se o caso dela englobasse os 13% de chances de nunca ter um câncer da mama? E se ela realmente «precisasse» passar por um? Achei uma interferência brusca demais, em todos os sentidos.

Sandra Conrado

Se a gente começar a pensar assim, vamos recortar nosso corpo todinho. Aff, que loucura. Como é que podemos saber onde vamos ter um câncer? Ou se vamos ter.

Acabei vendo a pouco no jornal hoje a reportagem. De fato, a ciência já sabia que ela tinha 87% de chance através da genética, porque a mãe dela morreu de câncer de útero ou ovário, não lembro bem qual dos dois. É a ciência driblando o real. É o objeto a questionando o Nome-do-Pai. Agora faço como Sandra Viola...sei não, é difícil. Cuidem-se. Bjs

Lucia Andre

Como assim, cara pálida? Então porque minha mãe teve câncer de mama eu me submeto a uma auto mutilação? Pirou?! Eu vi a cena na TV mas não tinha som.

Glays Toledo Cabral

Gente, as chances dela ter um câncer de mama eram de 87%! Muito alto esse percentual. Não dá para julgar essa atitude.

Sandra Maria Costa Viola

Caso por caso, né, não, acho que não dá pra esperar o tumor aparecer, se há um perigosíssimo risco ... sei não, é difícil. O ato pode garantir alguma coisa...ou não, mas se ela tem medo e prefere não correr este risco.

Roberta Gomes

Não se trata de julgar, levantei questões! Ela fez um exame porque a mãe teve câncer de mama e morreu nova, e ela recebeu um prognóstico de que poderia ter 87% de chance de desenvolver a doença, e 13% de não. O Ato dela não garante que ela vá viver mais que a mãe, porque não passa por aí, tem várias outras questões implícitas nesse medo de identificação com essa morte da mãe, e que este ato dela, não irá garantir a sobrevivência, no máximo que ela terá como garantia é não ter o câncer de mama ou ovário. Tem outras questões que não são orgânicas a serem observadas por trás desse ato!

Sandra Conrado

Corrigindo há pouco (foi passado) rsrsrs

Roberta Gomes

Pois é, mas é o que aponto no início da postagem, será que esse ato previne o real?

Sandra Maria Costa Viola

Bem, é verdade, não quer morrer como a mãe, faz uma separação *in corpore*.

A gente não tem como falar dela, mas do ato, e do risco. Aliás, a gente não sabe o que terá aparecido na mamografia dela...rsrsrs

Ciclotron Irajá II

É um absurdo acreditar que o câncer pode ser rastreado como se ele fosse um vírus e tivesse um alvo determinado. É claro que o real acabou e estamos vivendo na era do virtual onde seu imaginário produz realidades, produz doenças, afinal somos atingidos por aquilo que nos afeta positiva ou negativamente.

Não há nada de objetivo nisso tudo, mas pura «ciência subjetiva» a mexer com o imaginário de uma sociedade global alienada pelas linguagens da TV cujo inconsciente fabrica a realidade, fabrica as doenças. O mundo real acabou e estamos a viver num grande simulacro cuja morte tornou-se lucro.

Foi assim com o HIV e agora querem fazer o mesmo com o câncer. A realidade é apenas para quem tem a coragem de saber a verdade. Wellcome to the MATRIX:

<http://www.youtube.com/watch?v=hJuADo6euoU>

José Martinho

Gostei de ler mulheres a falarem, no calor da notícia, sobre A Mulher (que Angelina Jolie pode encarnar), como se ela fosse o seu sintoma.

O virtual (potencial, provável) acabou por se tornar real com a mastectomia, o «corte» do(s) seio(s). Castração? Não, no sentido da eviração. Como na circuncisão, este corte não tem apenas um valor ético e estético, relança também a possibilidade de desejar. Haverá gozo? Se há sofrimento, terá de haver.

Em todo o caso, o ato da AJ é duplamente corajoso: ela não se limitou aqui a representar: fez-se realmente operar, falou publicamente de todo o drama, e ajudou simultaneamente à prevenção da doença.

O bem maior que tentou preservar foi a sua própria vida, já que havia 87% de hipóteses de contrair um cancro semelhante ao da mãe e morrer. Pode ainda ter de ser operada aos ovários para debelar outra possibilidade.

É verdade que a reconstrução mamária permite hoje em dia que ela salvguarde algo da sua imagem corporal e equilíbrio psíquico. Resta que a medicina científica não será nunca suficiente para saber realmente lidar com o sintoma. É nisso que o sujeito é sempre responsável pela sua condição de sujeito.

[Veio posteriormente a lume que Angelina Jolie foi acusada de cumplicidade por ter participado num plano destinado a valorizar a patente do teste genético de marcadores do cancro da mama, logo o preço das ações da empresa que detém este teste. Estranho argumento. *À suivre...*]

15 de maio

Joana Ventura

Every explicit duality is an implicit unity, Alan Watts.

Unidade dos contrários? Unidade da unidade.

Ana Luisa Kaminski

«A ciência moderna ainda não produziu um medicamento tranquilizador tão eficaz como o são umas poucas palavras boas.», Sigmund Freud.

Evelin Pestana

Poucas e boas palavras, questão de não fugir à angústia do outro nem à própria, de poder acolher, e não enveredar pelo desejo furioso de curar (*furor sanandi* - Freud, 1912-13). Questão de tato. Casa Aberta - Página, Psicanálise, Arte e Educação.

Ana Luisa Kaminski

Furor sanandi... Tão atual! (E o perigo do excesso de medicalização).

José Martinho

Sobre o atual *furor sanandi* e o DSM V ler, em poucas e boas palavras, «O saco de nós» de E. Laurent, Lacan Quotidien, nº 319: <http://www.lacanquotidien.fr/blog/>

Carolina Foglietti

«A linguagem é criadora e, em particular, cria o ser. Em suma, o ser de que falam desde sempre os filósofos, este ser não é outra coisa senão um ser de linguagem. É o segredo da ontologia. Produz-se então uma vertigem», J-A. Miller.

José Martinho

É a ôntica da linguagem que cria a ontologia, o Ser e o Nada.

Resta a questão de saber se a existência da linguagem se deve ao significante ou à letra?

Miguel Mota

La parole tient à l'être, la lettre à l'existence. Il faut arracher la lettre à l'être. Jacques-Alain Miller

«O ser não passa de um significado induzido pelo significante, quanto mais não seja pelo verbo ser...o ser é um efeito de significado do discurso do amo (maître)...a dimensão escondida do discurso do amo (maître) é a do significante m'être, do significante que tem a pretensão de me dar um ser», Lacan, Seminário XX.

José Martinho

A partir do Seminário XX a coisa fica mais clara: *le discours sur l'être c'est le discours du maître*. A alternativa está na passagem de *l'être à la lettre*, da ontologia à ôntica ou à ex-sistência. É aqui que podemos dizer que o Um vale como traço unário, marca, letra e não mais como significante. Radicalmente: I não é S₁.

Carolina Foglietti

I ex-siste; é o que, de fora, sustenta a estrutura, permitindo ao litoral fazer literal.

16 de maio

José Martinho

«O sinthoma é real e apela ao sentido, suscita sentido, suscita a interpretação, tanto do paciente como do analista».

Relativamente ao dogma, «a Heresia [RSI] coloca à distância o sentido do sinthoma».

E «a escrita que designarei de existência é uma escrita que não é escrita da fala. Digo que a podemos chamar escrita pura»

Frases de Jacques-Alain Miller, em *O Ser e o Um*.

Maria José Barbosa

O que podemos entender por «sentido»? Qual é o garante desse sentido? É a narrativa pessoal?

José Martinho

Vasta questão. Para simplificar, diria que o sentido tem, pelo menos, dois sentidos: o significado que se atribui às coisas, ao mundo, às relações, aos sujeitos, etc, e a perspetiva e rumo que se toma, como no código da estrada, onde há sentidos proibidos e permitidos. Outro exemplo possível é o da orientação psicanalítica, que pode ser lacaniana, ou não.

O que Freud chama as «formações do inconsciente», fenómenos como o esquecimento de um nome, tem um sentido, mas o que interessa a análise são os «mecanismos psíquicos» que estão por debaixo ou detrás desse fenómeno, o que faz, por exemplo, que um sonho tenha um certo sentido e não um outro. Lacan não fala de «mecanismos psíquicos», mas de «cadeias significantes». O significante e o gozo são a razão e o motivo do sentido que toma o sintoma psíquico.

O meu *post* tentava colocar a tónica sobre a escrita que permite a leitura (psicanalítica) do sint(h)oma. Esta escrita não é a estória ou a narrativa pessoal.

Maria José Barbosa

O sentido parece aproximar-se do que designo por narrativa (pessoa no mundo). Há a distinção entre escrita e inscrição? A escrita pura é o ato de inscrição de sentido?

José Martinho

O que poderia responder um psicanalista de orientação lacaniana? Talvez que a «pessoa» não existe, ou que não passa de uma máscara (*persona*), e que o mundo é um fantasma, uma fantasia ecrã do real. Como dizer ainda que a escrita seria a inscrição do sentido da pessoa no mundo?

Maria José Barbosa

Podemos dizer que é a inscrição do real na «máscara» (invertendo o sentido)? Há desejo e gozo mas não há «pessoa»! É muito difícil de perceber...

Carolina Foglietti

É muito difícil, pois estamos acostumados a pensar apoiados na «lógica clássica»; na matemática euclidiana; no «dentro» e no «fora». A lógica lacaniana subverte tudo o que foi postulado pela epistemologia clássica para a apreensão/compreensão do sujeito e do objeto. No caso desse *post*, arriscaria dizer que a escrita pura marca a diferença radical entre o Ser (que é falta-a-ser) e o Um sozinho, que existe por ex-existir ao sentido.

Maria José Barbosa

Mas o Um sozinho é capaz de existir, resistir, ou não?

Carolina Foglietti

Acho que insiste...

Maria José Barbosa

Existe e resiste enquanto tal...

Carolina Foglietti

Não estou certa. Penso que quem resiste é o eu; o sintoma recobre a falta-a-ser e busca dar consistência ao Outro. Já o Um é letra sem sentido, real que insiste em existir exilado da relação sexual que não há. Mas reitero que não estou segura disso.

Maria José Barbosa

OK, entendi. Deve-se consagrar a diferença entre o eu e o sintoma

Miguel Mota

O sentido está para o simbólico como a *Gestalt* está para o Imaginário. É uma espécie de boa forma simbólica. Graças a ele, uma pessoa «delira», tem a sensação que compreende.

Lacan distingue entre eu, *persona*, entidades imaginárias e sujeito (\$), efeito de significante, *manque-à-être*, simbólico. Mais tarde, substitui o sujeito, «que o significante representa para outro significante», pelo *parlêtre*. O *parlêtre* tem como parceiro não o Outro (A) simbólico, o tesouro dos significantes, mas o sintoma.

Todos os caminhos vão dar à caminha. Todos os sentidos vão dar ao Falo

Lacan retoma a distinção de Frege entre *Sinn* e *Bedeutung*, sentido e referência. «Tudo o que se diz e faz sentido, acaba sempre por revelar não apontar senão para uma significação única que ocupa o lugar da referência, referência que não existe na Real e Virtual – Conversas no Facebook

linguagem natural... e esta significação que ocupa o lugar da referência que falta, é fundamentalmente, fálica» Miller, *Percurso de Lacan*.

Roberta Gomes

BOA NOITE!

«...Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir – nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio», Clarice Lispector, *A Paixão segundo G.H.*

José Martinho

Entre 1 e 2: O. Entre-dois o silêncio, o mistério, o *ex nihilo* da criação...

17 de maio

José Martinho

O sintoma como formação do inconsciente é tratável pela palavra, mas o «sinthoma» enquanto peça que se solta do Outro barrado e vicissitude pulsional é incurável, porque se trata do modo de gozar próprio a cada *parlêtre*, enquanto tem um corpo. Dito de outro modo, não se interpreta o nó do sinthoma numa análise, mas procura-se reduzir as fábulas mais ou menos virtuais que revestem o seu real e dão um sentido ao *semblant*. Joyce-o-sinthoma exemplifica como isso se pode fazer fora de uma análise.

Jorge De Almeida Gonçalves

Como se costuma dizer «a pancada está lá na mesma mas de outra maneira».

José Martinho

Mas essa «outra maneira» muda tudo, porque a relação do sujeito com o seu sintoma deixa de ser patológica, trágica, mórbida, etc. O sintoma deixa de atrapalhar a vida como dantes e torna-se o grande parceiro da existência.

Carolina Foglietti

Perfeito. O sinthoma, portanto, como o quarto elo que mantém juntos R,S,I está diretamente ligado ao Um, ou é o próprio Um uniano enquanto tal?

José Martinho

Na topologia borromeana, apesar da autonomia das dimensões, acabamos por encontrar o Um como o Um do Nó, a três, a quatro ou a mais. O Nó em causa é o que ata a realidade psíquica do *parlêtre* que tem um corpo.

Miguel Mota

«Pancada» evoca a frase do fantasma: *Batem numa criança*. Mas é possível usar este «batimento» de forma diferente. Pode-se masoquisticamente, procurar «ser batido» ou utilizar uma bateria para produzir música.

*

Mono-Mania: Somos atraídos pelo Um como a traça pela luz. Mas há diferentes tipos de Um: O Um imaginário da fase do espelho, o Um simbólico do sentido e o Um real, o Um da henologia.

Les mots et les maux. Les mots derrière l'é mot ion :

«As doenças são palavras não ditas», Lacan

Joana Ventura

What a mind...

18 de maio

José Martinho

Gostaria hoje de saber se alguém já tentou, ou se pensa que é possível fazer uma análise na i-realidade, por exemplo através do Skype? Escutei e li alguns propósitos sobre esta espinhosa questão, mas nunca consegui reconhecer a pertinência de uma resposta.

Selma Calasans Rodrigues

Eu já atendi um paciente durante uns meses e depois nos encontramos em Lisboa. Começou no Skype. Mas ele já havia feito análise, estava em crise, mas tinha uma experiência anterior importante. Também eu me interessei por esta questão.

Carolina Foglietti

Acho que, como tudo em psicanálise, não podemos incorrer no equívoco da generalização sendo preciso considerar a singularidade de cada caso, um a um. Todavia, lembro que conversando com uma colega sobre essa questão, nos questionamos acerca de como se perderiam alguns pontos importantes na análise via Skype: a presença real do corpo do analista e o peso do momento do corte, a questão do pagamento, a própria «espera» na sala de espera. Enfim, momentos de castração que talvez o Skype minimize ou suavize por assim dizer.

Gleuza Salomon

Puro charlatanismo. Tinha uma colega de outra área que estudou psicanálise de modo superficial, com grande manipulação de autorização e, isso provocou a que ela se autorizasse ser analista via Skipe. Diz que teve o maior encontro de sua vida assim!

Maria José Barbosa

A ideia da videoconferência é a mais humana e de proximidade dentro de todas as possibilidades disponibilizadas pela Internet. Mas continuo a optar pela criação de um

curso mooc., pois as videoconferências implicam disponibilidade imediata e simultâneo o que não é fácil (principalmente entre países com fusos horários distintos).

Gleuza Salomon

Maria José, não estamos discutindo Video-Conferencia ou outros dispositivos, judiciais por exemplo. Estamos falando de fazer análise pelo SKIPE. Que é um novo tipo de charlatanismo.

Maria José Barbosa

Não, estamos a falar de partilha de ideias entre pessoas com interesse(s) em comum.

Gleuza Salomon

Mas, Maria José Barbosa - Você pode falar de outra coisa, claro! Somos livres neste quesito! rrsrs.

José Martinho

Por favor, peço a outras/outros que deem as suas opiniões, e, de preferência, argumentem um pouco. Por enquanto parece empatado entre puro charlatanismo (Gleuza) e uma possibilidade a considerar (Selma, Carolina).

Gleuza Salomon

A problemática é pensar que uma conversa no Skipe é análise. Nos tempos da generalização, ao confundirmos «alhos com bugalhos», deslizamos na debilidade mental ABSOLUTA.

Pia Hylén Siegler

Poderíamos começar por fazer a pergunta: é possível, viver na i-realidade? Muitos já o fazem, ou partes de si, mas Freud manteve que nada pode ser apreendido *in absentia*, a partir do qual segue que uma análise *on-line* continua a ser uma análise virtual.

Qual é a relação entre i-real e ir-real? podemos comunicar no Skype de um lugar para outro?

José Martinho

Na conversa que temos tido no Facebook, o termo «i-realidade» foi proposto a dada altura para substituir o de «realidade virtual». Não entendo muito bem a segunda pergunta, pois o Skype serve para comunicar, como o telefone, o email, o Fb, etc.

O i-real é, por excelência, o campo da época Geek, onde os i-objetos (i-Phone, i-Pad, i-Pod, etc.) dominam. Haverá também um i-psicanalista?

Gleuza Salomon

A análise não é uma MÍDIA, isto é, não é um formato de comunicação. Por isto, no sentido lógico, não há análise virtual. Na realidade, a presença do analista e do analisante são necessárias, o sentido do sintoma e o corpo traz o «falasser», esse supõe o corpo.

José Martinho

Sempre pensei até agora que era impossível fazer uma análise fora do dispositivo inventado por Freud, mas há cada vez mais gente que propõe psicoterapias e até análises *on-line*, ao mesmo tempo que afirmam que o divã está ultrapassado, e que a relação transferencial pode perfeitamente estabelecer-se por mídia. Esta foi a razão pela qual considerei que era conveniente colocar a questão nesta nossa conversa. A questão fica em aberto, mas, na prática, mantenho o velho dispositivo.

Lembro que uma das condições da escuta analítica é que o analisando não veja o seu analista (divã, o terrível), apesar de ter encontro marcado com este num mesmo lugar.

Entre os argumentos «clássicos», recordo, ainda, que a *talking* exige a presença *in loco* do analista, porque é realmente impossível matar alguém *in effigie* (cf. Freud, *Observações sobre o amor de transferência*).

Depois do que já dissemos nesta conversa, é possível acrescentar que o Um – que o analista encarnará sob transferência - tem efeitos perturbadores no corpo do *parlêtre*; e que este deve testemunhar do acontecimento de corpo produzido pelos cortes que desatam durante a análise os laços que inconvenientemente se ataram na existência, e que permitem atar outros, nomeadamente o nó do sinthoma.

Aguardo mais comentários.

19 de maio

José Martinho

Estamos a chegar ao fim destes dois meses de conversação sobre Real e Virtual. Depois do instante para ver o que isso ia dar, e do tempo para compreender o que se estava efetivamente a passar, chegou o momento de acabar a conversa, mas não à pressa.

Aproveito o presente fim-de-semana para lançar um novo desafio até ao final do mês, a saber, que cada um vá dizendo o que concluiu para a sua prática desta nossa troca.

Caso seja necessário, peçam o resumo que tenho das conversas para o meu email: jomartinho@yahoo.com

Filipe Pereirinha

Aproveito, antes de partir para o Brasil, para dizer algumas coisas a respeito desta conversação. Para além do interesse e a atualidade da mesma, sinto que não consegui acompanhá-la devidamente. Tal deve-se antes de mais ao facto de ela coincidir com a preparação de duas intervenções no Brasil (a decorrer nesta próxima semana). Porém, até a própria dificuldade de acompanhar teve para mim alguns ensinamentos. Não sob a forma de respostas fechadas - pois creio que é prematuro concluir algo de muito definitivo num assunto que está longe de ter mostrado todas as suas facetas e possibilidades - mas na formulação de algumas perguntas: 1) Será que a velocidade daquilo que se diz e mostra nas plataformas virtuais permite uma INSCRIÇÃO real no sujeito que lê ou vê?; 2) Sendo a temporalidade das formações do inconsciente (sonho, Real e Virtual – Conversas no Facebook

lapso...) a do INSTANTE e a temporalidade do sintoma algo que insiste, que retorna ao mesmo lugar, que se repete, não será que aquilo que se passa na realidade virtual está mais perto do sonho e de outras formações instantâneas do inconsciente que do REAL do sintoma?; 3) Pensando no estatuto do LIKE: não será este uma forma apressada de concluir antes mesmo de compreender (como na ejaculação precoce)?; 4) Termina com uma passagem de Lacan que me parece apropriada: «A psicanálise vai tornar-se cada vez mais útil a preservar no meio do movimento cada vez mais acelerado no qual entra o nosso mundo.» (*Mon Enseignement*, Seuil, p. 66).

Vitor Manuel Oliveira Jorge

Slavoj Žižek: The Reality of the Virtual

www.youtube.com:

Com legendas em português:

http://www.youtube.com/watch?v=1xR_g4G5RsU

Gleuza Salomon



<http://the-symptom-projects.blogspot.gr/search/label/the%20symptom%204>

José Martinho

A realidade do virtual

Gleuza Salomon

transvirtual...

José Martinho

Contardo Calligaris, que faz análise por Skype e telefone, mas não por e-mail, nega a destinação entre real e virtual:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1111201030.htm>

Rosália Maia

Com a i-realidade parece advir também a i-responsabilidade. Sou iniciante na leitura de Lacan. Perdoem-me a ironia do meu próprio não-saber mas que insiste em dizer. O artigo que li [sobre Calligaris] remeteu-me mais às cenas do filme *O gabinete do Dr. Caligaris* do que a um tratamento *standard*. A algo a considerar também sobre o *setting* analítico, em outro momento. Seguindo, o psicanalista não constitui o sintoma, ele o complementa. Ele também deve se obrigar a acolher as novas formas do sintoma. Fazer-se destinatário do sintoma e, portanto, repor em circulação um *agalma* cristalizado na identificação com um sintoma comum, ou seja, reenviar o sintoma para a sua dupla contingência. Ele se inscreve em um Outro que já está lá e em um corpo no qual faz acontecimento. Será que a minha des-razão oferece algum sentido?

Maria Teresa Saraiva Melloni

Acabei de ler o material, gentilmente enviado por Martinho, que o pro-moveu, cuidou e agora, nos devolve. Estou absolutamente surpresa com nossa produção! Louvo a iniciativa e também o empenho de fazer passar a psicanálise, em atravessar o Atlântico, ou o Rubicão, que penso, poderia, no momento, representar pra nós as novas ferramentas que a tecno-ciência vem nos oferecendo. Nesse material pude-me dar conta dos meus tempos ausentes, como também da minha presença e participação! Ou seja, pura estranheza de mim. Como era de prever, o momento de concluir desagua para a questão da veiculação do discurso psicanalítico através das ferramentas de comunicação. Prefiro não incluir o julgamento da eficácia de uma análise por Skype,

pois acho que tal conclusão poderia ser precoce e preconceituosa. Também não creio que o caminho seja tomarmos o divã como modelo, obsoleto ou não, mas sim, tomarmos a própria experiência freudiana em fazer falar o inconsciente. E nisso, creio que estamos avançando muito!

Renata Sofia Martins

Foram muitas as vezes que me senti perdida nas conversações sobre o tema. Lamento se a minha «conclusão» está disparatada, e caindo no erro de me expor à idiotice, diria talvez que o que está inscrito no Real pertence única e exclusivamente ao sujeito... É o conjunto dos seus sonhos, dos seus desejos, dos seus sentidos, das suas formações, das suas frustrações ... e por aí afora; relativamente ao Virtual (i-real, como vi ser discutido aqui), diria apenas que esse está completamente dependente do Real desse mesmo sujeito. Como dizia um Outro, «tudo o que está no plano da realidade já foi sonho um dia».

Anialim Lima (por *email*)

Muito boa sua proposta, mas acredito que eu não preciso lhe dizer isto. Porquê você ao lança-la na rede já devia saber disso (rs). Achei generoso de sua parte se propor a enviar o resumo. E para tanto, fico grata!

20 de maio

José Martinho

Obrigado Anialim, obrigado Renata, pelo esforço.

Obrigado Teresa, pelo elogioso comentário, apesar de ser uma pena não querer concluir sobre a possibilidade ou não da análise *online*. Se houver outras opiniões a este respeito serão bem-vindas.

O Filipe encontrou uma semelhança entre aquilo que cada um diz quotidianamente na nossa conversação do Facebook e a instantaneidade das formações do inconsciente. Mas

Real e Virtual – Conversas no Facebook

apesar de tudo, como esta conversa dura há quase dois meses, podemos também pensar que ela participa um pouco do sintoma, do que aí se reitera. Se for o caso, talvez seja possível a alguém falar mais um pouco do nó que se atou e tirar as consequências.

Maria Teresa Saraiva Melloni

Seguindo os rastros do rumo final dessa travessia pelos mares do virtual e do real, avanço mais algumas milhas, ou mais alguns uns grãos de milho. Depois da nodulação borromeana do RSI, Lacan forja o conceito de ex-sistência como central, para colocar na boca da cena o furo do fora de sentido (*hors sens*), que rompe com qualquer continuidade do espaço no qual opera o analista.

Para Lacan, o *moi* já não é mais uma projeção da superfície corporal, como disse Freud e sim algo que vem do interior do corpo, como um furo. A angústia, bússola que orienta a clínica lacaniana, não surge a partir do recalque primário e sim ao contrário, ela surge do real e produz o recalque no simbólico, ela aponta para o *non sens* do gozo. O sintoma então, para Lacan, existe porque há linguagem, há função. Julgo que tais torções no espaço da prática analítica justificam uma releitura dos efeitos do corpo na dimensão do *moi*, no divã freudiano, e no *écran* da i-realidade, se assim é que chamamos a realidade dos i-pods, i-pads, i-phones.

Só para efeito de desenvolvimento aqui vão mais algumas ousadas provocações: se o fato de haver linguagem garante a função do sintoma como nodulação em torno do furo, porque a ex-sistência do corpo real não se faz presente tanto a partir do corpo no divã, como do corpo da imagem na tela? Porque o *non-sens* do gozo não pode comparecer tanto no discurso falado no consultório como no Skype?

José Martinho

Termino hoje com uma pequena contribuição de Miller à nossa conversa sobre análise i-real: «A presença dos corpos, de dois corpos, é uma condição da operação analítica. Não há análise por escrito, não há análise por telefone, não há análise via internet...o corpo vivo não pode ser subtraído à operação analítica... A fala é algo de significante,

mas que habita o corpo. Ela é como um pequeno parasita...é verdade que não percebemos isso quando refletimos usando os termos da teoria da comunicação...Acho que a internet, mesmo com a camarazinha, não torna possível a análise à distância. O que se multiplica nestas ficções? Multiplica-se, finalmente, os *semblants* dos corpos. Isto torna apenas mais insistente a questão do que está fazendo, do seu lado, o corpo original, enquanto seu *semblant* é mostrado...parece-me difícil eliminar o «estar presente» de dois corpos, pelo menos na operação *standard*, talvez precisamente por tudo o que esses dois corpos não fazem juntos. Ou seja, eles tornam presente uma interdição, uma separação ou uma não-relação. É esse elemento aí que é anulado pela distância». (*Elementos de Biologia Lacaniana*, EBP, Minas Gerais)

21 de maio

José Martinho

Pus alguns pontos nos is sobre *Psico (analysis) on Skype* com o texto de Jacques-Alain Miller..

[entretanto, disseram-me que Miller também faz análise por Skype e presencial com uma brasileira. Se esta informação for verdadeira – teria de lhe perguntar –, com todos os pedidos que chovem sobre ele, essa pessoa não será certamente a única.]

Agora, gostaria de lembrar que, em Abril, a Sandra propôs que a nossa conversação sobre Real e Virtual retomasse um pouco a história da comunicação. Como ela não o fez, passo a lembrar: muito depois da invenção da imprensa (século XV, em 1455), a história da dita «comunicação» (tornar comum) sofreu uma viragem radical no século XX, com a passagem do analógico ao digital. Após o telefone, a rádio e a televisão, as máquinas de fax, os modems, o CDrom, o cabo e a internet de alta velocidade passaram a dominar. Com os aparelhos de mídia, e os emblemáticos i-objetos da Apple, que irão subir cada vez mais ao zénite do World Wide Web (www), a informação quase imediata, o seu comentário e partilha irão conquistar o novo território.

No seu recente livro, *Les petites poucettes* (Éd. Le Pommier), Michel Serres diz que o que bifurcou historicamente não foi a velha distinção, já aparecida com a invenção da imprensa, entre superficialidade e profundidade, nem mesmo a relação do suporte (papel, eletrónica) com a velocidade da mensagem (essencialmente escrita), mas sobretudo os efeitos que isso tem sobre o organismo dos emissores e recetores humanos, dado que o uso das telas, imagens e memória dos computadores não excita as mesmas zonas cerebrais, e que os neurónios que suportam o imaginário não são os mesmos que suportam o simbólico, em particular a escrita.

Diz ainda que as novas gerações ensinaram melhor o que significa a palavra francesa que designa o presente, *maintenant*, pois esta não significa apenas «agora», mas também «ter na mão» (*main tenant*); através do GPS (controle do lugar), de Enciclopédias como a Wikipédia (acesso à informação) e dos vários instrumentos comunicacionais como o Twitter ou Facebook é possível ter hoje, no aqui e agora, o mundo na mão. Foi aliás isso que entendeu a Finança especulativa, ainda que num sentido diferente de César ou de Alexandre.

Não se trata apenas de uma relação inédita ao mundo, mas também aos outros que detém o poder e o saber (pais, professores, médicos, políticos, etc.), e ao Outro, que ficou sem Outro (metalinguagem).

O multimédia é uma banda de Moebius, que junta som, imagem, vídeo e texto, que integra o virtual no real; tudo isto faz com que os psicanalistas encontrem agora sujeitos de mundo na mão, que não «funcionam» mais como há alguns anos.

Este é o Admirável Mundo Novo onde estamos a enunciar. Lembro que o psicanalista não só é levado a intervir aí «cl clinicamente», como a falar e a escrever sobre o que pensa e faz com os novos sintomas.

A época da Globalização pouco tem a ver com a da «velha» Dama de Viena; esta ficou fora de moda, mais que não seja porque a pressa – como a velocidade virtual - em que se vive hoje é incompatível com o tempo (real) de uma análise.

Posto isto, diria que podemos encontrar um primeiro contributo de Lacan ao nosso debate na frase que o Filipe lembrou há poucos dias: «A psicanálise vai tornar-se cada vez mais útil a preservar no meio do movimento cada vez mais acelerado no qual entra o nosso mundo.» (*Mon Enseignement*, Seuil, p. 66).

Maria Teresa Saraiva Melloni

É certo que só haja análise *in* presença de dois corpos, na condição mesmo que no limite - litoral se constitua a marca de uma ausência, que se inscreverá como significante. Por outro lado, algo do gozo do corpo vivido, permanece como sintoma e vai se escrever como letra - literal. Poderá haver uma multiplicação de *semblants* dos corpos, é certo, mas não é o consultório com divã que vai limitar essa multiplicação; o corpo original sempre estará alhures, fora do alcance, perdido sob as roupas, as intervenções corporais, as caras e bocas. Portanto, não vejo como a distância ou a camerazinha sejam o suficiente para refutar a hipótese de poderá haver análise que utilize outros meios de comunicação. Penso que assegurar-me de uma cutela, me garante uma leitura freudiana. Freud tomou a maldição que recaiu sobre Édipo para justificar a lei paterna da proibição do incesto, como constitutivo da estrutura psíquica em torno da identificação fálica. Hoje, a despeito das novas estruturações familiares, não abandonamos o complexo de Édipo, mas demos nele *un retour* (volta a Freud com Lacan) deslocando o falo para o lugar de um dos Nomes do Pai, nome da ex-sitência da relação sexual. Paro por aqui, mas rogo aos céus que me livre das conclusões. E peço perdão por não saber o que digo.

José Martinho

O céu não pode perdoar, pois da sua condição, o sujeito é sempre responsável!

Maria Teresa Saraiva Melloni

É porque os deuses são inclementes, que posso continuar clamando aos céus! Rrrrrss.

João VGuedes

Vale mais clamar aos Céus do que ao Skype. Psicanálise pela internet é fraude! Os corpos devem estar presentes, no momento da sessão. Se tal não acontecer, já não se trata de psicanálise mas de delírio cibernético. É a mesma diferença entre comer um bom bife de vaca e um hambúrguer de carne processada (falsificada).

22 de Maio

José Martinho

Continuo a conclusão da minha/nossa reflexão sobre Real e Virtual:

Freud estabeleceu uma ligação entre os segredos de alcova, o recalçamento destes e a formação do sintoma no sujeito. Confundido recalçamento e repressão, os freudo-marxistas, como Reich e Marcuse, pensaram que as enfermidades mentais resultavam da repressão social. Desde logo, o tratamento consistia em transformar a sociedade por uma Revolução que pusesse tudo a nu; muita gente apostou na realização deste projeto de fazer saltar as últimas barreiras da censura.

Só que aquilo que apareceu foi não só um novo totalitarismo, como um novo individualismo, um autismo narcísico, depois largamente difundido pela mídia. O excesso de exibicionismo e de voyeurismo que acompanhou esta difusão fez com que as mais secretas cenas se tornassem obscenas. Rejeitando a velha moralidade e privacidade, a Grande Net acabou por banalizar tudo, tornar o real virtual, e vice-versa, ajudando deste modo a desresponsabilizar, a limpar a culpa e a vergonha.

Como previra Andy Warol, cada um começou a reivindicar os seus «15 minutos de fama», tanto a Oeste, como a Leste, pois o *american way of live* tornou-se *global way of live*.

O que chama cada vez mais a atenção são as Caras VIP, os famosos ex-anónimos do Big Brother, etc. Mas não há apenas os *reality shows*, existem também os rituais dos

partidos políticos, das igrejas evangélicas, dos carismáticos e dos islâmicos que se oferecem como os grandes defensores das «justas causas»; existem ainda os jornalistas sedentos de títulos e artigos bombásticos, que fotografam e noticiam tudo à imagem e semelhança dos «miseráveis», dos sem-abrigo que captam a sua atenção nas margens e interstícios da sociedade da previdência e abundância.

Depois de tentar registar e figurar o real, passou-se a dizer que as ideologias nada valem, que todos os discursos se equivalem, e finalmente que «vale tudo». Com a queda da ordem simbólica e dos padrões da representação instalou-se a desordem no real: este é o novo mal-estar, melhor dizendo, o impasse da nossa civilização. *À suivre...*

Carolina Foglietti

Antena Do Campo Freudiano nos brinda com uma excelente reflexão! É imprescindível separar a psicanálise do movimento nefasto que representou e continua representando os «freudo-marxistas». Tanto Freud, quanto Lacan, respeitavam, e muito, o real. Ambos sabiam que os efeitos do afrouxamento da função paterna (Lei simbólica-castração) almejado pela tal Revolução (sexual, geracional, cultural...) seriam devastadores e nos levariam ao pior... Psicanálise NÃO é nem nunca foi sinônimo de marxismo! Ainda bem!

José Martinho

Para entender melhor o termo «Geek» (ver tradução portuguesa em Papers nº 1, Comité de Ação da Escola Una)

Un real para la época geek

Florencia Fernández y Coria Shanahan

El próximo Congreso de la New Lacanian School en Mayo de este año se propone elucidar algo sobre la concepción Lacaniana de la psicosis en el Siglo XXI, en la época declinada como ‘geek’ 1. Interrogar este modo de designar la época en que vivimos es un posible camino para abordar el tema del Congreso de la AMP Paris 2014.

La definición del término, con sus resonancias de ‘tonto’, ‘raro’ y ‘loco’, evoca lo inusual y lo bizarro, la rareza biológica, la curiosidad deformada del cuerpo o la mente desviada de la ‘naturaleza’. Cuando ella, la naturaleza, se creía coincidente con lo real, cuando se hacía en nombre de la modernidad sinónimo de orden, un geek nombra a alguien desviado de ese orden, un elemento extraño cuya chance en la vida podía ser devenir objeto de exposición en un freak show.

En la segunda mitad del siglo XX, sin embargo, el término pasa a designar a una persona fascinada por cierta área de conocimiento, poseedora de un dominio y un saber-hacer hiper-específicos, al tiempo que refiere a un modo peculiar de habitar el lazo social. Es la descripción del geek como “un joven inteligente replegado sobre sí mismo, pobremente socializado, alguien que siente tan poca afinidad con su propio planeta que viaja regularmente a aquellos inventados por sus autores favoritos, concibiendo ese lugar secreto al que su computadora lo lleva, el ciberespacio, como un lugar más real que su propia vida”².

Ya en el siglo XXI, la proliferación de nuevos significantes que claman por la inclusión de lo geek (pensables quizás en línea con otros movimientos, por ejemplo los llamados de ‘neurodiversidad’), defendiendo los nuevos life styles como “roles aceptable en una sociedad tecnológicamente avanzada”³, testimonian de la creación de nuevas formas de nominación ya no basadas en una lógica de clases, sino en la afirmación del derecho de cada cual a su ‘rareza’. La lengua inglesa permite leer allí el reclamo del sujeto a no hacer par 4.

Este siglo de los Unos solos es, según la fórmula de Eric Laurent, la época del “sentimiento delirante de la vida”⁵, “el fin del privilegio de la locura”, donde el ser hablante se especifica más allá de la estructura por una invención no estándar que permita un cierto enganche del Uno en el Otro. Pues finalmente se trata, para el psicoanálisis, de localizar en su práctica de uno por uno, cómo la civilización (a pesar de los avances de la ciencia que han llegado al punto de silenciar la naturaleza), no está sin embargo menos aquejada por la cuestión de cómo se vive la pulsión, cómo se habita el propio cuerpo y cómo se hace con la inexistencia de la relación sexual⁶. La época geek es, más allá del Edipo, la época en la que coexiste –es la tesis de Laurent- un empuje a la uniformización homegeneizante con una radicalización y multiplicación (que puede o

no conducir a una reivindicación para su inscripción social), de los arreglos no estándar que son las respuestas a lo real que, como anunciara Lacan, se expande 7.

En su Curso Jacques-Alain Miller destacaba tempranamente la ilusión a la que lleva la fórmula de lo real como aquello que vuelve siempre al mismo lugar: uno llega a pensar que lo real no se mueve⁸. Pero Lacan articula que el advenimiento de lo real no depende del analista y que su misión es más bien hacerle la contra⁹. De allí que sea necesario, en la experiencia analítica, abordar lo real en su “bifidez”¹⁰, a la vez imposible y contingente, el núcleo singular del ser que ex-iste a lo simbólico, herida palpitante del ser que no puede representarse a sí mismo, “agujero negro del universo particular”¹¹ de cada quien.

En un texto que se ha hecho brújula¹², Miller sostiene que, en el siglo XXI, la práctica lacaniana “se juega sobre todo su partida con relación a los nuevos reales de los que da testimonio el discurso de la civilización hipermoderna. Se juega su partida en la dimensión de un real que fracasa, de tal suerte que la relación de los dos sexos entre ellos va a volverse cada vez más imposible, que el “uno” solo, si puedo decirlo, será el estándar post humano...”

A mediados de los años '80 Sherry Turkle, doctora en sociología por Harvard y profesora en el MIT, publicaba “El segundo yo: las computadoras y el espíritu humano”¹³, donde desarrolla la idea de que tecnología en general y las computadoras en particular, “no son herramientas, sino parte de nuestras vidas psicológicas y sociales [...] que afectan nuestra conciencia de nosotros mismos, de los demás, y de nuestra relación con el mundo”. Casi treinta años más tarde, brinda una charla TED titulada “Connected but alone?”¹⁴, donde plantea, alejada de su optimismo inicial, que la conexión incesante de la nueva generación está conduciendo a una nueva soledad: “Nos hemos acostumbrado a un nuevo modo de estar ‘solos juntos’ [...] habilitados por la tecnología, podemos estar unos con otros, y también al mismo tiempo en otra parte. Nos hemos acostumbrado a la idea de estar en una tribu de uno”.

Es lo que en el argumento hacia el Congreso de Atenas es presentado como “el triunfo de los I-gadgets como objetos fuera-del-cuerpo [...] órganos suplementarios cuya función buscamos los bloggers que somos”¹⁵.

Allí donde la propuesta de Turkle es oponer conexión a conversación, es decir, restaurar en la relación intersubjetiva la dimensión de la palabra, restituir algo del orden simbólico, el psicoanálisis de orientación lacaniana avanza en su demostración de que “nada prepara al ser viviente para recibir las nominaciones que constituyen su ‘programa’”¹⁶. Lo que llamamos el síntoma es precisamente la respuesta que el sujeto pone en juego cuando este programa le es impuesto desde el Otro. Punto de singularidad extrema al que apunta un análisis, del que se espera haga posible “vivir con el programa que nos constituye como seres hablantes”.

Con Lacan no se trata de ‘¿conectados pero solos?’, bajo la forma de una oposición y una pregunta que indica la esperanza de que pudiese ser de otro modo. Es decir, como si la conversación fuera un dato ya dado. Se trata más bien de cuestionar que sea posible conectarse al Otro (lenguaje y cuerpo) sin que un artificio, a veces un artefacto, tenga lugar. La oposición “hombre-máquina es un falso dilema. La cuestión es establecer en cada caso, qué es lo que permite el enganche a la máquina del lenguaje.”¹⁷

Esta vía puede conducirnos a interrogar, en este camino de elaboración y discusión hacia el Congreso AMP, el estatuto hoy del objeto a en su relación con lo real, de su extracción como operación fundante de la realidad como superficie cerrada, por el establecimiento de un punto de imposibilidad que aseguraría un ‘orden’.

Así, la oposición no es entre conexión y soledad, pues a nivel del goce el ser hablante se revela conectado-solo, conectado a ese objeto a que, si logra alojarse-vaciarse, en la “juntura más íntima del sentimiento de la vida”¹⁸ constituye su partenaire en el síntoma.

Digamos por el momento que si el psicoanálisis no es filosofía, es porque opera en el filo de un real que, por vía de la transferencia, hace “mediación entre los unos solos”¹⁹. Se trata del objeto sí, pero también del amor. Al real emancipado de la naturaleza que se torna más y más insoportable²⁰, el acto analítico propone responder con la invención, capturando la oportunidad para dar lugar al advenimiento de “un real”.

Notas:

1 Holvoet, D., “The Psychotic Subject in the Geek Era. Typicality and Symptomatic Inventions”, Argumento hacia el congreso de la NLS Atenas 2013. www.amp-nls.org

2 Julie Smith, escritora Americana.

3 El Nasser,H., “Geek chic: ‘Brogrammer?’ Now, that’s hot”, USA Today, 2011

4 En ingles ‘odd’ es a la vez raro e impar.

5 Laurent, E., El sentimiento delirante de la vida, DIVA, Buenos Aires, 2012.

6 Idem.

7 Lacan, J., El triunfo de la religión, Ed. Paidós, Buenos Aires, 2005.

8 Miller, J.-A., Des responses du reel, Curso del 30 de noviembre de 1983, inédito.

9 Lacan, J., La tercera, en Intervenciones y textos 2, Ed. Manantial, Buenos Aires, 1988, p, 87

10 Arenas, G., Seis propuestas para el próximo congreso, en Virtualia 25, Noviembre 2012.

11 Bassols, M., Lo real del psicoanálisis, en Virtualia 25, Noviembre 2012.

12 Miller, J.-A., Una fantasía, Conferencia en Comandatuba, 2004.

13 Turkle, S., El segundo yo: las computadoras y el espíritu humano, Ediciones Galápagos, Buenos Aires, 1984.

14 El título del libro ha sido traducido en plural “¿Conectados pero solos?”. Ver: http://www.ted.com/talks/lang/es/sherry_turkle_alone_together.html

15 Holvoet, D., Ibíd.

16 Laurent, E., Comentario de los testimonios de AE en las Jornadas de la ECF, Paris, Octubre de 2012.

17 Laurent, E., Conferencia sobre el Autismo, ACF-Belgique, Bruselas, Febrero de 2013.

18 Lacan, Jacques, “De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis”, en Escritos 2, Siglo XXI Ed., Buenos Aires, 1984.

19 Miller, J.-A., ibíd.

20 Miller, J.-A., Un real para el siglo XXI, Buenos Aires, Abril de 2012.

23 de maio

José Martinho

O «sintoma psíquico» propriamente dito nasce no final do século XIX, início do século XX, segundo o modelo da histeria. Esta teatralizava um conflito psíquico insuportável para o sujeito. A nível coletivo, tal conflito podia levar à revolta, à contestação, à Revolução. Freud inventou a psicanálise para indagar e tornar banal ou normal o desejo insatisfeito que falava no sofrimento histérico.

O que se passa atualmente já não segue o modelo histérico, aproximando-se mais da psicose, banal, da loucura generalizada.

Baudrillard falava de um «sujeito fractal», em que cada uma das partes seguiria uma trajetória dentro da sua órbita, na qual brilharia por um instante, para logo de seguida desaparecer numa espécie de buraco negro. Em «lacanês» atualizado, diríamos que o Um que se repete faz furo.

Ainda a propósito de um tal buraco, Lipovetski propôs que chamássemos à «híperealidade» em que vivem os pós-modernos a «era do vazio». Fazia sobressair aí um novo narcisismo, mais hedonista que autista. No nosso idioma, diríamos que aquilo que se manifesta claramente agora é o misto sintomático que cada Um forma com o seu objeto (a), que, na época *Geek*, toma a forma privilegiada do i-objeto.

Uma das consequências deste misto sintomático é a «vida fragmentada» (Bauman). A transcendência (Outro, Ego, etc) explode em mil fragmentos. Como num holograma, a identidade fractal de cada caco contém o universo infinito, e vice-versa.

A outro nível, podemos dizer que é sempre a diferença absoluta que caracteriza o sintoma individual que acontece coletivamente, tanto a nível microscópico, como macroscópico.

Tudo estando em tudo, pode-se ter a impressão que andamos «todos mal», ou «todos

bem», como dizia já a personagem de Marcelo Mastroianni no filme *Tout va bien*.

Este retrato tem origem no que Lacan chamou a disfunção resultante do declínio do «Nome-do-Pai». Com esta, tudo passou a girar em torno da ausência que Nietzsche interpretou como «a morte de Deus».

O rebaixamento da Lei (significante do Outro barrado, ou da proibição do incesto) no social levou à anomia; esta permite outras versões do pai, em particular a do pai perverso, polimorfo. É a perversão nas suas mais diversas formas, sexuais, sociais, culturais: parafilias, violência urbana, terrorismo, guerra ideológica, cirúrgica, etc. Entre os agora «nomes do pai» surgem a «mulher» e o «sintoma».

Outra das consequências da referida perversão foi o desaparecimento de um senti-minto algo precioso. Podemos até pensar que ele desapareceu com o fim da esperança ideológica que vigorou no século XX, a que desmoronou como o muro de Berlim, o chamado «muro da vergonha». O que se perdeu foi a vergonha.

Em vez dela, procura-se por todos os meios ser criativo, original, capaz de encontrar novas soluções. Só que aquilo que os sem vergonha na cara encontram nesta busca do novo pelo novo é a nova cara, deslavada, da pulsão de morte. Thanatocracia do gozo? *À suivre...*

Ana Luisa Kaminski

Ótimo texto! E como fica o conceito de Sinthoma (como possibilidade de ter prazer sem sofrimento, em oposição ou como solução para o gozo mortífero), trabalhado na fase final do ensino de Lacan, neste mundo contemporâneo de quase «psicose coletiva»?

José Martinho

Ana, o «sinthoma» é um nó, que cada um tenta atar para escapar a psicose de fundo, ordinária ou extraordinária. Ele não é apenas gostoso, mas também custoso. Viver é sofrer. Pense por exemplo nas dores de parto da criação. É uma metáfora.

Ana Luisa Kaminski

Agradeço pela resposta. De meu ponto de vista e até onde consigo entender, o SINTHOMA ou quarto elo, como descrito por Lacan no seu Seminário 23, seria uma suplência bem-sucedida ao Nome-do-Pai, uma amarração que serviria para religar e manter.

Carolina Foglietti

Felizmente o pudor é estrutural. Em outras palavras se, a partir da modernidade, o sujeito ficou cada vez mais exposto à inexistência da relação sexual e à deriva da pulsão (de morte), há que se apostar na estrutura, em seu impossível, e na invenção de novas formas de fazer suplência à perda que nos constitui como falantes. Ou seja, em uma pluralização do Nome-do-Pai que, a meu ver, é correlata do aprofundamento do declínio da função paterna enquanto tal.

Roberta Gomes

No ponto central do nó, onde se aloja o objeto a, Lacan situa a identificação ao Outro (A) em suas três dimensões: imaginária, simbólica e real. No intuito de ilustrar a consistência desse ponto central, que conjuga os três registros em seu enodamento, dando-lhes uma medida comum, recorre à figura do *triskel*, correlato daquilo que Freud nomeou como «traço único» e que foi renomeado como «traço unário», suporte da identificação minimalista, especificada aqui como sendo o que dá consistência ao furo central. Segundo Lacan, no Seminário XXIII não se pode falar sobre aquilo que compõe o nó sem pensar no Nome do Pai, como a ligação entre os três outros anéis assim como no triskel. O Nome do Pai é o que faz nó no *triskel*. O *triskel* ex-siste, podendo haver identificação ao que em todo nó borromeano é o centro do nó – lugar do «a». O Nó em Trevo.

«Um nó é formado por um único fio que apresenta um trajeto suficientemente particular para não ser reduzido a um simples anel» (GRANON-LAFONT, J. 1990, p. 126). O nó em trevo visualizamos os três campos centrais do esquema borromeano,

cada elemento do trevo (cada folha) é um desses campos que apresenta o gozo em relação a algo.

Na dimensão R – I temos o gozo do outro barrado. Outro barrado quer dizer que não há gozo de um MetaOutro.

Na dimensão R – S temos o gozo fálico «é o lugar daquilo que é designado em consciência pelo *parlêtre* (*être de parole* = ser de palavra) como poder do inconsciente, ao juntar a palavra ao gozo». (LACAN, 1975-1976, p. 56).

Na dimensão S – I temos o sentido, algo do imaginário e do saber inconsciente que é *jouis-sens*, gozo do sentido, correlato a *jouissance*. i. é, quando o sujeito fala e o gozo do corpo passa pela sua palavra, com sentido.

Os três elementos participam nas três dimensões:

Do imaginário, como consistência

Do simbólico, como falha;

Do real como, como ex-sistência.

José Martinho

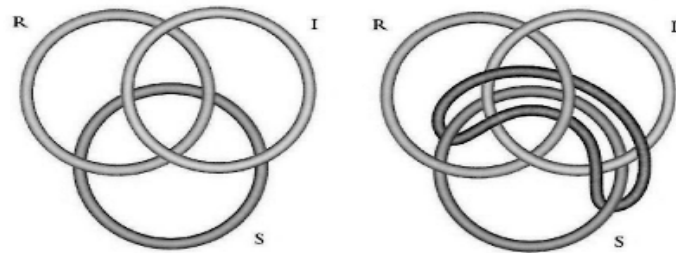
Continuando. Apesar do modo assertivo, o que proponho não é um dogma a inserir numa conexão, mas uma posição no interior de uma conversação.

Dito isto, lembro que não há bom e sobretudo que não há mau gozo. Gozo é gozo. Ponto final.

O juízo ético recai sobre os efeitos do gozo do sintoma na relação intersintomática, que o último Lacan dirá ser a única a existir.

O sintoma é um signo, um signo de gozo. Miller mostrou há alguns anos que o que faz um signo, e o que faz a insígnia sintomática é um «misto», que ele escreve: S_1 , a.

Lacan falará de várias maneiras do Um que essa fórmula cola ao Significante; falará do «traço unário», do Significante Um em cadeia, sozinho e em enxame, e finalmente do Um só ou sozinho. Falará também do real do objeto a, e daquilo que identifica este, a saber, a letra «a». Tudo isto é situado na topologia borromeana dos Seminários *RSI* e *Le Sinthome*. A Roberta fornece algumas indicações preciosas a este respeito.



O Sinthome como a quarta consistência, que vem reatar o Real, o Simbólico e o Imaginário dispersos.

Agora lembro que, mesmo que se consiga atar o nó do «sinthoma» (neurótico), este pode voltar a desatar-se. Normalmente existem vários ensaios (ou nós a 5, 6, etc.) até se obter um nó mais estável.

Todos estes enlaces e desenlaces implicam a comunhão de desprazer e prazer que caracteriza o gozo. De vez em quando, surpresa, o nó que se ata prende mesmo, e a coisa fica mais viva. Depois volta-se ao buraco de onde tudo sai. Isto pode por exemplo ser «observado» no processo da criação artística, mas também na criatividade que requer a vida de todos os dias.

Claro que há uma ligação entre o sinthoma e a antiga função desempenhada pelo Nome-do-Pai. Os dois procuram atar, fazer existir a falhada realidade psíquica, até a realidade material, efetiva que se atribui à estratificação do mundo. O que a multiplicação dos nomes do pai provoca sobretudo é a colocação em primeiro plano da função do sinthoma singular.

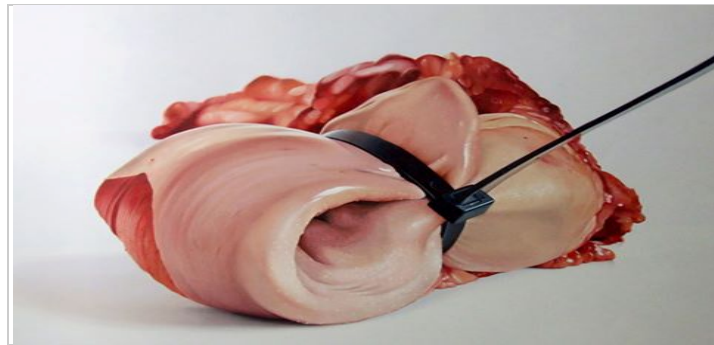
24 de maio

José Martinho

Impressão real do Um no corpo = castração/aparelho da linguagem = perda de gozo = ganho de sentido = desregulamento homeostático = sintoma...realidade (virtual).

Fatima Pinheiro

Partilhou a foto de Blog da Subversos



Caros amigos, segue a entrevista que realizei com Fábio Magalhães para a Subversos:

<http://blogdasubversos.wordpress.com/2013/05/24/o-artista-por-ele-mesmo-fabio-magalhaes/>

Miguel Mota

O con-tributo de cada um, na sua singularidade, é essencial para que o Campo não se transforme na Campa de *Mein Kampf*.

José Martinho

A «mundialização» ou «globalização» de que se fala hoje não é um fenómeno idêntico ao Império Romano, ao de Alexandre, ou ao do Grande Mongol, Gengis-Khan. Também não convém compará-la com a expansão do Cristianismo, as grandes navegações e descobertas marítimas, ou à colonização e avanço do liberalismo.

A «aldeia global» (Marshall MacLuhan) não se tornou realmente possível com a «Galáxia Gutemberg», mas com a Era digital.

Um efeito, que referi ontem, foi a perda de um afeto estrutural como a vergonha. Outro, ainda, diria corrigindo um pouco a Carolina, foi a perda do pudor.

Falta de vergonha e impudor são regidos pela Vontade de gozo. Um Supereu cruel e feroz, que diz «goza!», comanda. Para este todos os meios são bons para alcançar o fim, a satisfação da pulsão.

Mesmo os que não conseguem, sentem-se obrigados a se divertir loucamente, a festejar o seu aniversário meia dúzia de vezes, a oferecerem-se dezenas de prendas, a comemorar dias (internacionais) para tudo, a usar o seu telemóvel sem nenhum motivo, a se endividar gastando o dinheiro que não têm, a fornicarem toda a noite porque todos o fazem, a tirar cursos e mais cursos, a subir rapidamente na hierarquia profissional, a escrever mil e um livros e artigos científicos, etc, etc, etc. Todos cumprem, assim, a ordem invisível que os impele a serem os felizes.

Revistas vendem dietas e ginástica. Câmaras web são instaladas nos computadores para proporcionarem novos prazeres. Planos de saúde propõem o pleno bem-estar para todos. As emoções humanas são medicalizadas na base de que tudo tem remédio. Livros de autoajuda batem recordes de vendas, enquanto máquinas digitais de reconhecimento se tornam habituais nas portarias. Programas de televisão ensinam a viver corretamente, com Deus e a Ciência. As escolas e as empresas uniformizam os seus procedimentos. Instala-se assim e insidiosamente uma sociedade de controlo e protocolos comportamentais profundamente avessa à singularidade.

É precisamente desta passageira clandestina – a singularidade sintomática – do avião da Hiper-realidade que se ocupa a psicanálise. *À suivre...*

25 de maio

José Martinho

Nesta caminhada para o final da nossa conversa sobre Real e Virtual, cito, hoje, um aforismo de Nietzsche que diz ainda muito sobre a esperança que a nossa época deposita no conhecimento científico:

A CIÊNCIA COMO PREJUÍZO

«... a crença com a qual se satisfazem tantos sábios materialistas, a crença num mundo que deve ter o seu equivalente e a sua medida no pensamento humano, na avaliação humana, num «mundo de verdade», do qual nos poderíamos aproximar, em última análise, com a ajuda da nossa razão humana, pequena e quadrada. Como? Queremos realmente deixar que se degrade desta maneira a existência, que seja um exercício de calculistas ou um arranjo de matemáticos no seu quarto? Antes de tudo, não devemos querer despojar-nos da pluralidade do sentido: isso exige o bom gosto, meus senhores, gosto e respeito perante tudo o que está para lá do vosso horizonte! Que só seja correta uma interpretação do mundo [...] uma interpretação que permita contar, calcular, pesar, ver e apalpar, e nada mais, isso é um engano e uma ingenuidade, supondo que não seja uma doença mental nem um idiotismo [...] Uma interpretação ‘científica’», Nietzsche, *Gaya Scienza*, § 373.

Rosália Maia

A pluralidade dos sentidos pressupõe a elegância no viver

Selma Calasans Rodrigues

Pluralidade dos sentidos: daí o elogio da metáfora em Nietzsche.

Carolina Foglietti

Numa época em que a «Bíblia da Psiquiatria» invade os consultórios e a mentalidade das pessoas, lembro, com certo pesar, da atualidade do alerta freudiano «Nada na vida é tão caro quanto a doença e a estupidez» (1913).

Gleuza Salomon

«... néologisme surprenant : neuropsychanalyse. Dans cette interface, Kevin Warwick, professeur à l'Université de Reading aux États Unis, a impulsé le nommé « Project Cyborg » avec la question qui fait fonction de boussole pour sa recherche : « What happens when a man is merged with a computer? » — « Qu'arrive-t-il quand un homme est fusionné avec un ordinateur? » Nous ne nous arrêterons pas aux aspects plus ou moins frankensteiniens de cette recherche et de ses résultats, avec les nouvelles techniques d'implantations de chips et d'autres dispositifs électroniques dans le corps du sujet. Nous ne nous arrêterons pas non plus aux finalités considérées comme bénéfiques dans le traitement, par ce moyen, d'une série de lésions du système nerveux. Nous nous arrêterons plutôt au témoignage du sujet lui-même de cette recherche parce qu'il nous semble qu'il vise l'horizon du sujet des techno-sciences de notre temps.»

A experiencia da CIÊNCIA (rsrsrs) do sintagma lacaniano `Não Há Relação Sexual` : «Lors de son récent passage à Barcelone, Kevin Warwick a pu témoigner sur ses expériences de la façon suivante. Il a réussi à connecter son cerveau à un ordinateur qui est à New York et à envoyer ses impulsions à travers Internet à un bras robotique situé dans son laboratoire en Angleterre. Et il a réussi à faire bouger ce bras et à le « sentir » comme si c'était son propre bras. Plus avant, dans le cours de cette expérience, qui a déjà impliqué un certain degré de dépersonnalisation et de corps morcelé, il a réussi à connecter, aussi par Internet, son propre système nerveux, son propre réseau neuronal, à celui de sa femme avec l'idée de pouvoir communiquer avec elle sans avoir besoin de parler. « Notre corps, —soutient Monsieur Warwick—, n'est plus qu'une entrave pour notre cerveau. »[3] Le paradoxe logique qui suppose cette affirmation, quand on prend le cerveau comme une partie séparée et même différente du corps propre, n'est pas une barrière à la tentative d'écrire le rapport sexuel dans le réel. Le corps morcelé du sujet de la science pourra toujours songer à se recomposer dans l'espace virtuel avec l'Autre,

dans la mesure où il, ou elle, pourra incarner ou faire semblant d'une Autre jouissance toujours possible. Pour autant, tout cela ne semble pas résoudre un certain nombre de problèmes entre Monsieur Warwick et sa femme, des problèmes d'identité sexuelle et de communication tels qu'il n'hésite pas à en témoigner. Irena, sa femme, se plaignait de n'être pas assez entendue par lui. Il a donc décidé de connecter le système nerveux, celui de Monsieur Warwick, à la main de Madame Warwick, et quand elle bougeait son bras il recevait les impulsions dans son cerveau. Il rêvait ainsi réaliser le rêve de Samuel Morse, l'inventeur du fameux code Morse, « envoyer des signaux d'un cerveau à l'autre » de façon directe, sans devoir passer par d'autres moyens hardware. Mais il y a une barrière que Monsieur Warwick a trouvée dans son entreprise et qui semble être la cause dernière de son échec. Cette barrière inéliminable est le langage lui-même tel qu'il l'indique de façon aussi claire qu'enseignante. Son expérience a trouvé l'impasse majeure dans « la même barrière que nous rencontrons, l'interface entre les cerveaux, c'est à dire le langage ; parce que les neurones sont connectées on line avec des impulsions électrochimiques, mais pour arriver d'un sujet à l'autre elles doivent passer nécessairement par l'archaïque langage humain ». Le langage, l'outil qui devrait être un moyen de communication, devient ainsi la dernière barrière pour une communication directe, il devient alors la cause principale d'incommunication, du non rapport. »

Maravilhoso este texto! Traduzi-lo é mais do que necessário.

[A tradução portuguesa deste texto foi publicada posteriormente em Papers nº1]

26 de maio

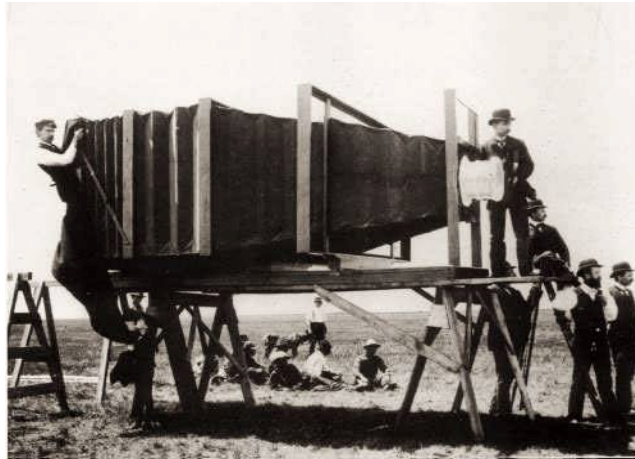
Maria Camargo

A Mammoth Camera, de George Lawrence, 1900

«Idealizada por George R. Lawrence em 1900, a Mammoth Camera foi uma enorme câmera desenvolvida especialmente para fotografar um luxuoso trem fabricado pela Chicago e Alton Railroad Company. Desejava-se uma foto impressionante, perfeita em cada detalhe e, acima de tudo, grande. A câmera mamute tinha cerca de 4 metros de comprimento e pesava cerca de 1.400 libras, aproximadamente 633 kg. Foram utilizados

Real e Virtual – Conversas no Facebook

10 litros de produtos químicos para produção de três imagens de 2,4 x 1,2 m. Para o transporte da câmera foi utilizada uma unidade de transporte ferroviário, e para sua operação 15 homens foram envolvidos. A Mammoth Camera custou cerca de 5 mil dólares e após a realização das fotos foi discretamente desmontada e nunca mais vista.»



<http://classiccameras.wordpress.com/cameras-peculiares/>

José Martinho

Ontem, a Gleuza citou um texto de um dos nossos colegas de Barcelona, Miquel Bassols, *Le langage comme trouble du réel* (<http://miquelbassols.blogspot.com.es/2013/05/le-langage-comme-trouble-du-reel.html>), sobre a época Geek, época marcada pelos efeitos da técnica sobre o sujeito da ciência, mas também pelo paradoxo que contém a passagem das perturbações da linguagem à linguagem como perturbação, como uma doença da qual humanidade deveria ser curada, eventualmente pela «Neuropsicanálise»!

Convém, pois, mais uma vez recordar que não só a linguagem é o nascimento do homem, como dizia o Carlos, mas que as sociedades humanas se modelam no plano cultural pelas técnicas derivadas da existência da linguagem.

É sobretudo com a escrita que o saber é extraído e entra no real. A imprensa conduziu mais tarde à Enciclopédia, e a «amplificação» por satélite, aos atuais meios de comunicação de massa.

Na recente história da «comunicação», o telefone e o telégrafo nascem no fim do séc. XIX e desenvolvem-se com a Iª Guerra, a rádio aparece nos anos 1930, a cibernética, nos anos 1940, com Shannon e Wiener, e 1950, com Batson, a TV, nos 1950, a informática, nos anos 1960), e a integração de todas estas técnicas nos multimédia, nos anos 1980.

O espantoso e rápido progresso tecnocientífico que conhece o século XX encontra-se também na base da aceleração da evolução biológica e da globalização.

Steve Hawking sublinhou que «o ADN humano está a ser rescrito pela evolução biológica ao ritmo de um bit por ano. Ora durante um ano são publicados 200.000 novos livros, correspondendo a um fluxo de mais de 1 milhão de bits por segundo. Claro que a maior parte dessa informação é lixo, mas, mesmo que se aproveite só 1 bit em 1 milhão, este processo ainda é 100.000 vezes mais rápido do que a evolução biológica».

E já ninguém duvida da importância da Informática na circulação do capital virtual pelo globo.

O dinheiro transferido da conta bancária de um indivíduo que faz psicoterapia por Skype para a do seu «psi» é uma operação que repousa unicamente na comunicação de uma informação.

A questão continua: será que esta «merda» asséptica é suficiente para uma análise?

Filipe Pereirinha

Vou procurar responder fazendo um desvio. É uma acha para a fogueira, como se diz por aqui, embora a questão tenha de ficar em aberto. Nesta matéria, parece-me que estamos ainda na pré-história, mesmo se a história avança a passos largos. Recém-chegado do Brasil, vieram-me à memória as imagens das Cataratas do Iguaçu que este ano tive ocasião de PRESENCIAR *in loco*. É um desejo antigo, agora realizado. Já tinha OUVIDO FALAR muito acerca delas e VISTO na Internet inúmeras imagens. Contudo, essa REALIDADE VIRTUAL (feita de significantes e imagens) não conseguiu dar conta do momento - único e irrepetível - em que PRESENCIEI REALMENTE aquilo.

George Steiner fala de PRESENÇAS REAIS. O que é único e irrepetível, neste caso, é a EXPERIÊNCIA. O meu corpo estava lá. Apanhei salpicos de água. Ouvi o som das quedas. Fui apanhado de surpresa à medida que ia caminhando e via surgir sempre novas perspectivas. É isto reproduzível VIRTUALMENTE? Em parte sim, em parte não. Talvez por isso, mesmo quando as pessoas se conhecem na Internet, querem experimentar um ENCONTRO real mais cedo ou mais tarde (mesmo se há quem fetichize o meio como um fim em si mesmo).

Se uma análise fosse a mera circulação de significantes poderia ser feita - sim - por telefone, Skype, etc.; se fosse a mera exposição dos corpos - sim - poderia virtualizar-se; mas não é ela, pelo contrário, experiência real do que nos foge no sentido e nos escapa no corpo? Claro: tudo isto tem de ficar em aberto porque ainda não conhecemos todas as consequências da virtualização do real por meio da tecnociência...

Roberta Gomes

A realidade real e virtual de uma criança de 12 anos, que fala de um lugar onde nem todo adulto consegue:

<http://andremansur.com/blog/video-chamado-de-gay-garoto-grava-desabafo-emocionante-e-bomba-na-web/>

27 de maio

José Martinho

O Vítor colocou num outro dia no seu perfil do Fb um interessante vídeo de Žižek, datando de 2003, sobre o tema que estamos agora a debater:

http://www.youtube.com/watch?v=1xR_g4G5RsU.

Resumo brevemente o seu conteúdo. Aguardo comentários vossos. Eu farei os meus num próximo *post*.

Žižek parte das 3 dimensões lacanianas, que coloca na seguinte ordem: Imaginário (I), Simbólico (S) e Real (R). Diz ele que, no nó, as 3 dimensões se ligam entre si, havendo desde logo uma imaginarização do simbólico, uma simbolização do real, uma realização do imaginário, etc.

A «realidade virtual», como afirma, é uma «ideia miserável». Aquilo que ele defende no vídeo é a «realidade do virtual».

Para explicar esta, propõe que há um Imaginário virtual (Iv), um Simbólico virtual (Sv) e um Real virtual (Rv).

No Iv, cada ego idealiza uma imagem do alter-ego com quem se relaciona, mas simultaneamente apaga outras imagens (por exemplo a defecar, a suar, etc).

O que se apresenta como autoridade no Sv deve funcionar como ameaça não realizada. A mesma irrealização acontece com as crenças. Isto porque a eficácia simbólica de uma autoridade ou de uma crença só funciona se permanecer virtual. Exemplos: o adulto que não acredita no Pai Natal mas supõe que as crianças acreditam nele. Os atuais cínicos, que não acreditam na democracia, mas fazem de conta que acreditam.

No Rv: há o Real Imaginário que a imagem traumática ilustra; Žižek dá aqui o exemplo de filmes de horror ou de ficção científica como *Alien*. Mas há também o Real Simbólico; o exemplo privilegiado são as fórmulas da Física Quântica, que funcionam eficientemente, mas não correspondem a nada que o senso comum possa imaginar ou descrever.

Finalmente, o Real Real. Aqui haveria duas espécies: a primeira seria a sombra obscena da ordem simbólica, como os cânticos de marcha que acompanham as ordens militares dos Marines. O segundo Real Real é abordado por Žižek a partir da ontologia; comparando a mudança de Freud relativamente à conceção do trauma com a relação entre espaço curvo e matéria na segunda Teoria da Relatividade de Einstein, diz que o traumatismo Real Real resulta da ordem do Real ser distorcida. Explica isso dizendo

que o (significante) Um não coincide consigo mesmo, recalcamto primordial que gera o múltiplo. Depois aplica esta ontologia ao mundo atual.

João VGuedes

Demasiado filosófico...

28 de maio

José Martinho

Žižek é demasiado filosófico? É normal, ele não é psicanalista, nem «clínico», mas um sintoma na Filosofia, que agita ideias críticas no pensamento contemporâneo, sobretudo inspiradas por Hegel, Marx e Lacan (nesta ordem). Isto não impede que o que diz dê que pensar, mesmo àqueles que apenas se interessam pela *philofolie*.

Aqui vão alguns pensamentos sobre a conferência do Žižek.

1º - A 4ª dimensão, a do Sinthoma, não é levada em consideração no que Žižek diz sobre o Real do virtual. Mesmo quando se refere ao que é realmente Real no trauma, ele não fala do gozo do sintoma.

2º - Numa terminologia atualizada, o que Žižek quer dizer com a imagem traumática é que existem acontecimentos de corpo de destruturam a estrutura da percepção, e reaparecem posteriormente na mente como imagens traumáticas do que aconteceu. O traumatismo, aqui, é a verdade com estrutura de ficção que vem preencher o vazio, a fantasia que acalma e elabora o pânico do sujeito que encontra a opacidade do Outro, como disse recentemente Miller. Convém, pois, distinguir *traumatisme* e *troumatisme*.

3º - Na origem, como referi, não há ontologia, mas henologia. O Um do último Lacan não é um Ser; também não é um significante, nem o Significante Um, sozinho, em cadeia, ou em enxame.

4º - A não coincidência ou inconsistência do Um (só) consigo mesmo não gera apenas o múltiplo, e o zero, acrescentaria; ela é a textura do real, a diferença pura da escrita primária, assente na materialidade do traço ou desenho do que virá a chamar-se «letra». Numa análise, é esta letra que se lê como signo do gozo do sintoma.

*

O caminho do real faz-se pela trilha de Um só, separado das aventuras do virtual.

Mesmo se imagem é um *semblant*, não impede que possa mostrar a diferença entre real e virtual. Por exemplo, há poucos dias, vi na televisão o que se passou quando o tufão arrasava a região de Oklahoma; no entanto, o que me chamou a atenção na imagem foi a voz de uma mulher que, vendo ao longe o que se aproximava, gritou para o marido: *it's real - come on*.

29 de maio

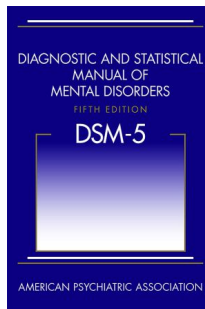
Lilany Pacheco

A produção da doença em www1.folha.uol.com.br

A partir do final de Maio, estará disponível a quinta e última versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). É de esperar que, a partir de agora, um importante debate a respeito da maneira com que as distinções entre normal e patológico foram modificadas chegue à opinião ...

Fernanda Otoni de Barros-Brisset

Partilhou uma ligação: A Associação Americana de Psiquiatria publica a sua «Bíblia»:



Gilson Beck

«Mas uma vida na qual todo sofrimento é sintoma a ser extirpado é uma vida dependente de maneira compulsiva da voz segura do especialista... Ou seja, uma vida cada vez mais enfraquecida e incapaz de lidar com conflitos, contradições e reconfigurações necessárias.», Vladimir Safatle.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/108783-a-producao-da-doenca.shtml>

«A crítica de Vlaldimir Safatle ao DSM-V, publicada em sua coluna semanal do Jornal Folha de São Paulo (edição de 14/05/13), vem ao encontro de questões que estão sendo debatidas pela EBP-MG em suas atividades preparatórias para a sua XVIII Jornada, que acontecerá em 18 e 19 de outubro. Safatle questiona francamente o «estatuto científico» do Manual de Psiquiatria e lembra que o que está aí em jogo são investimentos milionários que fazem, entre outras coisas, movimentar a indústria farmacêutica. Na esteira do grande marketing promovido pelo discurso capitalista, muitos são os que trabalham para uma patologização da vida cotidiana, reforçando assim o cientificismo, cuja face obscurantista nega a própria existência do sujeito (Yolanda Vilela, para o Sinapsy – Boletim da XVIII Jornada da EBP-MG)».

José Martinho

Apesar de se ter vindo ultimamente a notar o «silêncio das pulsões» (Freud), continuo as minhas anotações.

É certo que, com o DSM V, vêm aí mais doenças virtuais. Mas o Manual não é suficiente para a grande festa da psicofarmacologia. A técnica de vendas do «Neuromarketing» é também necessária.

As Neurociências, a Psicologia que reivindica o título de «ciência da mente e do comportamento» e os laboratórios farmacêuticos que fornecem os psiquiatras juntaram-se. Estas forças maiores da saúde pública dizem que vieram substituir técnicas mais primitivas, como a medição das reações fisiológicas a estímulos, o tratamento estatístico das respostas a Questionários, ou as primeiras gerações de medicamentos, mais especificamente de psicofármacos, etc.

Um dos principais instrumentos que utilizam é a imagiologia cerebral. Defensoras do cérebro ao vivo no écran, dizem que esse novo método científico dá mais segurança aos médicos e «psis», assim como aos doentes; mas também maior segurança às escolas das ciências da vida, e aos políticos e administradores que tentam racionalizar as decisões que devem tomar, e que têm consequências imprevisíveis para a economia das pessoas, das empresas, dos Estados e até do mundo.

É aqui que intervém o novo discurso do método que é o Neuromarketing, para convencer os eventuais consumidores, mais que não seja porque a técnica que promove é extremamente onerosa, a compra de imagens neurais rondando atualmente o preço de 800 Euros hora.

Mas o mais importante nisto tudo é que «a saúde mental não existe, porque o corpo que goza, a carne, exclui o mental, ao mesmo tempo que o condiciona, enlouquece, extravia», J.-A. Miller, *Mental* 27-28, p. 131.

Fernanda Otoni de Barros-Brisset

Sobre os medicamentos milagrosos: vídeo baseado em evidências - esclarecedor!

<http://www.youtube.com/watch?v=PitEHoLZnIE>

Yvette Centeno

ASSALTO CHINÊS ARRASA PENTÁGONO

Um desastre total! Como revela o Washington Post, Pequim roubou tudo o que havia para roubar de segredos nos mais secretos recantos do Pentágono. As unidades militares chinesas de hackers assaltaram, nos últimos anos, o Pentágono como nunca acontecera e ficaram na posse dos planos das armas mais secretas dos EUA: todo o programa do F-35, o caça de nova geração e o mais caro da história, mas também a nova versão do F-18 Super Hornet, o helicóptero UH-60, o transporte híbrido V-22 Osprey (a meio caminho entre o avião e o héli), os futuros navios de defesa de costa da US Navy, uns revolucionários trimarans, as tecnologias e planos de defesa anti-míssil (Patriot e Aegis), os radares mais avançados... enfim, todos os sistemas de armas vitais, resultado de décadas de investimento em pesquisa e desenvolvimento e que constituem o coração da supremacia americana. Para além do acesso às tecnologias, este roubo significa também que Pequim pode sabotar os sistemas de armas americanos ou, dito de outro modo, «so just like in the movie Independence Day, *in theory* Chinese hackers could use electronic warfare to give F-35 weapons systems a cold, make them sick, and essentially inoperable... Attacks would be expected to include denial of service, data corruption, supply chain corruption, traitorous insiders, kinetic and related non-kinetic attacks at all altitudes from underwater to space. U.S. guns, missiles, and bombs may not fire, or may be directed against our own troops». Um desastre total que durou uma década: «entre 1999 e 2009, as portas estiveram abertas para a espionagem chinesa».

Rosália Maia

O que pode ser mais destrutivo? Um 11 de setembro ou um cyber-espião? Quero aproveitar os momentos finais do debate sobre o Real e o Virtual para as reflexões in-conclusivas sobre a i-realidade e as novas formas de subjetivação na contemporaneidade.

30 de maio

José Martinho

Há Um: proposição que completa o «não há relação sexual» (ver contra capa do Seminário XIX, ...ou *pire*). Mas onde ler retrospectivamente o Um (dividual) do sintoma, do seu gozo autoerótico, no que Lacan vai chamando «real» ao longo do seu ensino?

Em poucas palavras: o Um começa por ser a *Gestalt* do corpo próprio e do ego da tópica do Imaginário; aparece em seguida no S do esquema L, que introduz ao grande Outro Simbólico (A). No grafo do desejo, o Outro deixa de existir, ficando apenas o Significante de A barrado.

No Seminário sobre a Identificação, o Um da alienação impõe-se como «traço unário»; mais tarde, no Seminário XI, Lacan escreve da seguinte maneira o cardinal desse Um: $I + (I + (I + (...)))$; e refere-o à holófrase do fenómeno psicossomático.

O «elemento» significante torna-se o verdadeiro Um, que surge então em cadeia (S_1 - S_2), no discurso (com S_2 , $\$$ e a), sozinho (S_1) e em enxame ($S_1, S_1, S_1, \dots$); O que acompanha o dois, o sujeito dividido ($\$$) é cada vez mais o objeto a , como objeto perdido causa do desejo. É nesse *plus-de-jouir* que residirá cada vez mais o Um do ser de gozo. Continuamos, pois, na ontologia.

Esta só se esvai com a topologia, que começa por ser uma topologia das superfícies e acaba como topologia do nó borromeano. O Um reside no nó RSI, ou no nó do Sinthoma, Σ .

Nas leituras do Um do sintoma no percurso de Lacan o que sobressairá cada vez mais é a «letra», pois «o sintoma é aquilo que, do inconsciente, se pode traduzir por uma letra, a identidade de si a si isolada de toda a qualidade. Desse Um que sustenta o significante em que o Inconsciente consiste, cada um é suscetível de se escrever com uma letra (...). O que não cessa de se escrever do sintoma parte daí (...) a repetição do sintoma é essa coisa que acabo de dizer, de maneira selvagem, que é a escrita», Lacan Seminário RSI, na lição de 21 de Janeiro de 1975 (tradução livre).

Roberta Gomes

Estava pensando de uma forma livre. O sujeito vai interpretando ao longo da análise e isso que está de alguma forma lá, faz amarração, transpondo o sujeito de uma consistência a outra, onde o símbolo falha e fica o resto sem «sentido», que cai como letra. Mas algo aí opera uma separação radical do outro da alienação!

José Martinho

A existência do Um produz a alienação do sujeito ao significante e sua bateria. O Um sustenta o encadeamento significativo em que consiste o inconsciente.

O inconsciente que o sujeito e eventualmente o analista interpretam é o inconsciente da associação livre verbal, do significante e do significado. Outra coisa é o Um sem qualidade da letra que constitui o «um-consciente» real, que é o do *parlêtre* com sintoma. A letra lê-se, mas não revela nenhum sentido. Esta leitura permite sobretudo separar o sujeito da alienação ao Outro para que consiga dar o nó do seu sinthoma.

Roberta Gomes

É uma questão de lógica da interpretação e prática da letra, porque ela formaliza um percurso «de» a «a» e, portanto indica, anuncia, uma orientação, uma passagem, uma operação. Uma operação que afete, que tenha efeitos. A letra do sinthoma dispara o jogo do «falasser». Tempo lógico da estrutura quando o significante do Outro toma corpo e proporciona a identificação do Um. Um significante faz furo, incisão primordial no corpo, e decide a consistência de Um e a ex-sistência. Decisão primordial que divide o corpo pulsional (ligado ao Outro e sua demanda) e o corpo - *en-corps* - que não se liga, nem articula, mas fomenta eco da repetição. A «hystoria» pode começar: a partir desse tempo lógico da identificação, isto é, é «transformação operada quando se assume...» (LACAN, 1949/1998, p.97) um furo como marca do Um, primeiro enodamento RSI entre o furo a ex-sistência e a consistência. Dessa letra - enodamento RSI - nomeia-se «alguma coisa que se transforma em alguém: Y a quelqu'un! (Aí tem gente!)». Lacan explicita no Seminário RSI o enlaçamento entre letra, a fala e o sentido.

Carolina Foglietti

O entrelaçamento entre letra, fala e sentido pode ser entendido como o efeito do enodamento RSI ou «cadeinó» [*chaînoeud* ou cadeia de nós]?

Roberta Gomes

Lacan aponta que essas letras RSI supõem uma equivalência, e que isso toma sentido, mas o próprio do sentido é que aí se nomeia alguma coisa. E isso faz surgir um «adit-mansion», a «dit-mansion» justamente dessa coisa vaga que chamamos as coisas, e que só tomam seu assento do Real. Da letra inicia-se o *parlêtre*, o ser que ao falar procura o sentido da ex-sistência (Real) no outro significante S_1 - S_2): equívoco fundamental. A análise proporciona um caminho ao avesso do momento inaugural do *parlêtre*: da prática do bláblábláblá à prática da letra. Sabemos, por experiência, que a lógica do significante - desdobra a evidência pela interpretação psicanalítica - leva a um impasse: o necessário impasse do sujeito suposto saber, que conduz a constatação, ao discernimento do irremediável, ininterpretável, incurável, indecifrável. Topar essa parada não se acumplicia com a impotência, mas com o ato. Apenas um ato, de-cisivo, decidindo o passo fora da lógica do significante, ex-cisão, extravagância oriunda do saber sem sujeito, permite o passe. Passe fora de série que possibilita um acesso a soltura, desenvoltura, atrevimento, imprudência. Prática da letra, na qual o literato, «litter-rasurador», precede o psicanalista «chegando diretamente onde a psicanálise pode chegar de melhor no fim» (LACAN, 1971/3003, p. 15), ou mais precisamente, na sequência do fim, como continuação, repercussão do fim, dada a lógica inesgotável do significante. De fato, o fim de uma análise inclui as suas sequências na temporalidade do ato que a decide. «o ato se julga na sua lógica pelas consequências» (LACAN, 1967). É a prática da letra do sinthoma, em alguma medida, que valida a decisão do fim.

Rosália Maia

Cf. Ornicar digital:

<http://www.lacanian.net/Ornicar%20online/Archive%20OD/ornicar/articles/ant0077.htm>

O corpo se anima

Marcela Antelo

Salvador

Vinte anos atrás, poucos antes que a tecnologia da realidade virtual se tornasse real, Jacques Alain Miller escrevia em «Algoritmos da psicanálise» (1) sobre a utilidade das ciências da informação. Não sem esforço, consegue arrancar ao menos uma. «Estamos sempre ali: os prodigiosos gadgets micro-eletrônicos que amanhã choverão sobre nosso mundo, vem de uma revolução tecnológica, não teórica. Não dá para negar que estas pastilhas de saber que estão na ponta dos dedos são bem mais objetos a do que os enormes computadores de 1955, e nos fazem ver bem que o simbólico devém mais e mais real».

Mas um cartel sobre «As palavras e os corpos» não pode deixar de reconhecer que vinte anos de chuva tecnológica nos põem algo na ponta dos dedos. As pastilhas de saber, por obra da nanotecnologia do minúsculo, podem ser engolidas ou implantadas para mapear as partes do corpo outrora inacessíveis. A pele como fronteira do corpo já tinha sido virtualmente violada desde a invenção do raio X e a observação microscópica, mas que micro-robôs possam invadir a circulação e detectar o entupimento de artérias, alertar aneurismas, acusar a presença de pedras na vesícula, ou excesso de serotonina, faz das pastilhas de saber na promessa de um gozo de um saber a gozar sem medida. As extrações de objetos de valor protético ou poder de clonagem, células, tecidos e órgãos, se somam a série.

A visibilidade tecnológica se multiplica e cabe nos perguntar sobre a iminência de uma revolução teórica, consequência que nos permite verificar ainda mais que o simbólico se torna cada vez mais e mais real.

O tratamento digital do real ilustra a materialidade estúpida do significante, a mecânica dos sucintos 0 e 1, simbólico vazio e cego que marcou o interesse de Lacan pela cibernética e a obra de Norbert Wiener. «Cyber-» deriva do grego *kybernetes*, que significa «steersman», timoneiro. Diz respeito, então, a governo então, e Wiener, em 1947, definia a cibernética como a particularidade de sistemas onde a retroalimentação é fundamental, o feedback. O Cyborg, ou organismo cibernético, e suas variantes: cyberbody, cyberbeing, implica num governo do corpo onde o governante tanto como o governado, são parte fundamental do sistema.

Miller afirma que, Lacan no seu tempo serviu-se deste «simbólico descarnado para desenferrujar a simbólica delirante que engolia a descoberta freudiana».

Hoje, parece possível servir-se das conseqüências teóricas da revolução tecnológica para desenferrujar um objeto, ou melhor, a objetividade mesma, engolida pelo significante que tudo calcula. A assim chamada por Lacan, grande *Verwefung* de Descartes, rechaça o corpo fora do pensamento arrojando-o na extensão, condenando-o assim a reaparecer no real.

O simbólico descarnado penetrando na carne inaugura essa zona complexa entre o virtual e o real, morada do cyberg. «O cyber não é atual nem virtual simplesmente; reside mais num entre-dois, em espaços que não são nem aqui nem ali, nem presente nem ausente, nem material nem imaterial, nem "como" nem "como se» (2), nem real nem semblante, acrescentariamos à descrição de McHoul, heideggeriano contemporâneo.

Saber e corpo

Que o homem se saiba como corpo, esse «objeto através do qual o homem se sabe é o corpo» (3), é o ponto de partida que antecipa no Seminário 1 a articulação entre corpo e gozo através de um mediador, o saber. O saber-se como gozo do corpo consagra o saber como meio de gozo e o corpo como causa de saber, paixão da ciência médica.

Lembremos a primeira tentação de Descartes: «Poderia fingir não ter corpo...». Não é por acaso que é no campo da medicina onde a Realidade Virtual dá seus mais ousados passos. Eric Laurent falando sobre a atribuição real do corpo, entre ciência e psicanálise,

numa mesa redonda, parece concluir «o corpo não existe para a medicina da ciência...»
(4). Presença do corpo ausente.

A ciência e sua curiosidade idiossincrática nasceram com vontade dissecadora e conforme Lacan nos mostra durante o ano em que a borda a angustia: «a objetividade é correlata de um patos de corte» (5). Toda função de causa se suporta num pedaço carnal, arrancado de nós mesmos pelo formalismo do significante. A fórmula «É teu coração o que eu quero» lhe serve para martelar "que não somos objetos - quer dizer objeto de desejo- senão como corpo, ponto essencial a ser recortado, posto que constitui um dos campos criadores da denegação apelar a outra coisa, a algum substituto que, no entanto sempre resulta, em ultima instancia, como desejo do corpo, desejo do corpo do outro e nada mas que desejo de seu corpo".

As partes do corpo produzidas pelo corte, objetos perdidos e irrecuperáveis suportarão a função da causa. «Até onde me pertence meu braço se eu posso me transformar no braço direito de algum outro?» se pergunta Lacan ao introduzir a questão do controle e do corpo como instrumento, a questão da instrumentalização do sujeito.

A atualidade da programação e os algoritmos foi a base da reconfiguração da cultura provocada pela conversação inexorável entre as matemáticas, a física, a biologia e cibernética junto com a teoria da comunicação e a genética nos últimos anos. A biotecnologia, a endofísica, a medicina falam de drama numa conversação em curso chamada de Body Works <http://www.stanford.edu/dept/HPS/153-253.html> (The body in the late XX century). Não se trata só de ver, mas de imaginar, controlar, intervir, redesenhar, até escolher novas formas corporais.

Os gadgets

Neologismo filho de uma das relações sintomáticas mais agalmáticas da história, a que se tece entre franceses e americanos, o gadget, os gadgets, sempre merecem o plural, contam com um surpreendente mito de origem. Aos 100 anos da Independência americana os franceses oferecem aos americanos uma réplica da estátua da liberdade. Monsieur Gaget (6), escultor com habilidades em marketing, monta em Paris 1884, sua Carpentária metálica e se ilumina. Reproduz a imagem em miniaturas que o povo americano passará a comprar e que, portanto, vai batizá-las com o Nome-do-pai. Deles,

dizia Lacan em A Terceira, dependerá o futuro da psicanálise: «se os gadgets nos ganham de mão, se nós mesmos chegarmos a ser animados por eles». Pouco provável pronóstica, entanto faça sintoma. Animação nos faz pensar em alma. No Editorial da Ornicar ? digital 70, diz hoje Eric Laurent se referindo aos objetos extraídos do corpo: «não nos fazem crer na alma porém na lamelle». A lamelle que nos anima.

O corpo obsoleto

O infobody ou corpo cibernético é paixão de vanguardas artísticas que tornam evidente a relação desarranjada do homem com seu corpo, o corpo como partenaire sintomático do sujeito. Stelarc http://www.stanford.edu/dept/HPS//stelarc/a29-extended_body.html, artista e performer australiano, inventor do corpo expandido, diz que o corpo carece de *design* modular e por isso é «obsoleto», significante performativo segundo Lacan. Cai na tentação de Descartes e dá um passo mais, aparelho biologicamente inadequado que demanda uma suplência tecnologia para «savoir-y-faire» com essa inadequação fundamental. É a tecnologia que nos define como humanos e não a estrutura obsoleta da carne incompatível com a era da informação/ação. A primeira medida é liquidar a pele como barreira; antiga interface do corpo. Stelarc sabe das conseqüências de apagar a zona erógena mais extensa do corpo, caso sigamos a Freud, a mais profunda, caso sigamos a Valéry.

Nada novo aparecerá no pensamento até redesenharmos o corpo, diz Stelarc. Nossa tendência ao Um, a vocação de unificar, provém da incompletude de nossos sistemas sensoriais. Stelarc propõe superar o dualismo cartesiano e pensar num «corpo pluggado» a um novo terreno tecnológico.

Trata-se, portanto, do contrário do que sustenta Lacan ao situar a divisão, («essa que o idiota de Descartes havia recortado», Seminário 2, aula 12 de janeiro de 1955) como já feita, sem remédio. Tal divisão comporta uma atitude radical, da qual partiu Freud «frente ao corpo, o médico tem a atitude do senhor que desmonta uma máquina».

R.U Sirius, editor de Mondo 2000 (7), cabeça da vanguarda do cyberdiscurso vaticina que estamo-nos tornando incorpóreos porém e dando mostras da seriedade que seu nome promete, conclui: «O sexo é o único bom pretexto para ser corpóreo e seria bom aproveitar o máximo antes que passe de moda».

Os pretextos para sermos corpóreos inauguram uma lista na qual a psicanálise não pode não se contar.

¹ - Miller (J.A.), «Algorithmes de la psychanalyse», Ornicar?, nº 16, Bulletin périodique du Champ freudien, 1978, p. 17.

² - McHoul, Alec. Cyberbeing and space: Murdock University, 1997.
<http://jefferson.village.virginia.edu/pmc/text-only/issue.99//mchoul.997>

³ - Lacan (J.), Le Séminaire I, leçon du 5/05/54, Paris, Le Seuil, 1975, p. 190-193.

⁴ - Laurent (É.), «L'attribution réelle du corps, entre science et psychanalyse », "Mental", nº 5, Bruxelles, juillet 1998, p. 58.

5 - Lacan (J.), Seminário X: A angústia, aula de 8 de maio de 1963, p. 286-292, inédito.

6 - Bialek (S.), «La psychanalyse et les gadgets», Journée de Corbeil, 18 juin 1994, ACF-Ile de France.

7 - <http://www.mondo2000.com>

31 de maio

José Martinho

Ontem, o Carlos Eduardo Leal postou no seu perfil do Facebook um vídeo seu que se pode ver no Youtube:

<http://www.youtube.com/watch?v=zwc0r2FoZic>

Este documento ajuda a perceber porque é que alguns não quiseram, ou desistiram de participar na nossa conversação sobre Real e Virtual.

Não foi apenas o Carlos, mas ele também esteve quase sempre ausente desta conversa. Como o vídeo sugere, trata-se para ele de uma posição ética fundamental face às inúmeras ofertas e solicitações a que cada um está hoje sujeito, em particular no Facebook. Apesar de não ter ficado totalmente calado, de ter até mandado um abraço, o Carlos não quis verdadeiramente entrar nesta correspondência. Talvez porque achasse que, se fosse responder a esta e todas as outras demandas, não só seria impossível seguir todos os caminhos, como deixaria de trilhar o seu próprio caminho. *Tampis* para nós.

Antes de concluir, um pouco mais logo, resta-me uma vez mais agradecer àqueles que desejaram realmente desbravar este caminho novo, sem temerem as pedras que se iria encontrar no meio do caminho, isto é, aos que foram os verdadeiros companheiros de estrada.

Anialim Lima

«Se você responde a tudo você não tem um caminho, você tem todos os caminhos possíveis, que é a mesma coisa que nem um caminho. Então, isso cria uma desorientação», Carlos Eduardo Leal.

José Martinho

Foi quase um milagre termos conseguido chegar até aqui, prosseguir esta conversa no meio da confusão, do bombardeamento dos *posts* que chegavam ao Facebook da ACF, muitos falando da crise, da política, do sistema e da corrupção, da recessão, do desemprego, dos que choram, gritam, e sonham com dias melhores; de vez em quando uma foto, uma música, um verso, um aplauso.

Apesar desta enorme agitação, lá conseguimos levar o barco a bom porto, a um fim possivelmente passageiro.

Agora, cabe-me tirar a (in) conclusão desta viagem, já que fui eu que lancei para o ar a ideia que outros depois acarinharam.

Que ninguém duvide: o tema escolhido é de extrema atualidade. Neste início de século XXI, todos estão a viver experiências inéditas, impossíveis de realizar até a uma data muito recente, porque se desenrolam na i-realidade.

A ciência não parou de inventar truques para tapar a desordem do real. O mundo de hoje está cheio destes gadgets.

Aqueles que fazem psicoterapias pelo Skype descobriram um dos referidos truques. Eles sabem que o «meio» de que se servem não é aquele a que se estava habituado. O velho *médium* era a palavra, ou, como dizia Lacan em 1953 para a psicanálise, a função da fala no campo da linguagem.

O campo e o canto da sereia. Este fez que, mais tarde, Lacan ensinasse que toda a comunicação se processa no mal-entendido. O que calha sempre no final a cada um é o seu sintoma. O resto é virtual.

A doença psíquica era virtual no tempo em que médicos como Freud se formavam. Mas o real impôs-se ao inventor da psicanálise como infração traumática, obstáculo ao princípio do prazer, finalmente como aquilo que se encontra para além dos interesses e até da lógica da vida: a pulsão de morte.

Nenhum mecanismo, nenhuma ordem simbólica, nenhum *automaton*, dirá Lacan, escapa à *tuké*, ao encontro com o real, real que não é a morte, que como o sol não se pode olhar de frente, mas Um gozo.

O sintoma é o que não cessa de se traçar em torno do buraco de traça que o traço unário marca, quando, mordendo o corpo, faz com que o gozo que aí estava se esvaia.

Freud falou de ritmo pulsional a propósito deste vai vem. Lacan preferiu apresentar a pulsação da pulsão como um traçado de ida e volta ao corpo, circuito que não está ligado a nada, mas que recorta no corpo do *parlêtre* a parcela que alimenta a pulsão parcial, o objeto (a) da fantasia.

Por fim, Lacan atravessa o écran passando da fantasia ao real, para afirmar que ele inventou este último como a sua «resposta sintomática».

O que Lacan diz aqui do seu sintoma é também verdade para o de cada um. Não havendo nada de mais real numa existência, o único remédio é inventar (com) o seu parceiro sintoma.

Mas será que o sintoma pode inventar o amor que tantos companheiros de estrada da nossa conversa poetaram, não pararam de elevar às mais sublimes alturas, parecendo esquecer o que Freud anotou, a saber que o amor, mesmo quando se diz do Outro, é narcísico.

Poderá haver um amor diferente, talvez conjugado no feminino como propôs Lacan, um amor capaz de fazer com que o gozo (de Um) condescenda ao desejo (do Outro, barrado), um amor onde haja efetivamente gozo em desejar?

Uma resposta a esta pergunta chegou no final da nossa conversação, através de um trecho - «O amor e o real» (Papers nº 1) - da minha colega da AMP Laure Naveau, que a Sandra Viola citou num dos seus últimos *posts*. Ei-lo:

«Quando o amor pode ser conjugado com o desejo e com o real do gozo, quando este se pode escrever, e o sujeito encontrou a sua própria marca, fora dos estragos e dos sismos, podendo aí sediar, e mesmo sobressair por vezes na sua língua, então aparece uma espécie de solidão clara, que não se isola mais do resto do mundo.».

FIM